

**HISTÓRIAS DA
ERA AQUARIANA**
para
CRIANÇAS



FRATERNIDADE ROSACRUZ

VOL. II

HISTÓRIAS DA ERA AQUARIANA PARA CRIANÇAS

Volume 2

Compilado por um Estudante da

The Rosicrucian Fellowship

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil
Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82
Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

1ª Edição em Inglês, 1951, *Aquarian Age Stories for Children*,
editada por The Rosicrucian Fellowship

1ª Edição em Português, 1990, *Histórias da Era Aquariana para
Crianças*, editada por The Rosicrucian Fellowship

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro
Rosacruz de Campinas – SP – Brasil

www.fraternidaderosacruz.com
contato@fraternidaderosacruz.com
fraternidade@fraternidaderosacruz.com

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
LÚCIA ENCONTRA AS FADAS DO PENSAMENTO	5
A AVENTURA	10
A PEQUENA SOMBRA	14
O MISTÉRIO DAS FADAS	19
UMA JORNADA COM AS FADAS	20
A PEQUENA ÁRVORE PERTURBADA	29
MARCOS E O ANJO	42
DORMINDO FORA	50
O JARDIM DA FANTASIA	52
FELÍCIA ENCONTRA “CAUDA CINZA”	66
O LAGO ENCANTADO	73
A ALMA DE BILLY	83
AS ONDINAS	89
O PEQUENO PRÍNCIPE	90
OH! MINHA BARRIGA	95

DEDICATÓRIA

O amor pelas crianças, combinado com a sensibilidade às profundas verdades da vida, possibilitaram os autores dessas histórias, que foram publicadas há anos na Revista “*Rays from the Rose Cross*”, a expressar de maneira atraente, muitas fases da sabedoria da Natureza. A esses amigos dedicamos, com gratidão, as *Histórias da Era Aquariana para Crianças*.

Muitos meninos e meninas estão cientes dos “pequeninos seres” e de outras Forças da Natureza mencionadas nessas histórias. Esperamos que muitas outras crianças fiquem animadas a tomar conhecimento delas, através da leitura deste pequeno volume.

Fraternidade Rosacruz, 1951

LÚCIA ENCONTRA AS FADAS DO PENSAMENTO

Myrtle Hill Leach

Lúcia e Ana eram primas. Lúcia estava visitando Ana e como elas estavam se divertindo! Ana era dois anos mais velha que Lúcia, mais alta e mais forte. Mas ela era muito boa para sua priminha menor. A maior maçã, o pêsego mais suculento e o doce mais confeitado sempre iam para Lúcia. Lúcia cavalgava no pônei de Ana e brincava com suas bonecas e pratinhos. Mesmo quando ela quebrava um dos minúsculos pratos de porcelana de Ana, esta não ficava brava.

Mas, finalmente Lúcia e Ana brigaram. Elas queriam brincar de escola, mas cada uma queria ser a professora. Ana achava que devia ser a professora porque era mais velha e Lúcia achava que devia ser a professora porque - bem, porque...

Então, elas brigaram. E Ana deitou-se na grama macia, debaixo da macieira e chorou até que adormeceu. E Lúcia deitou-se na grama macia debaixo do pessegueiro e teve pensamentos de raiva, maus pensamentos sobre Ana.

De repente, ela admirou-se de ver uma multidão de criaturas minúsculas, feias, anãs deformadas, paradas todas em volta dela. Todas estavam mostrando os dentes para ela e Lúcia escondeu sua face, aterrorizada. A mais horrenda criatura de todas, que parecia ser a líder, falou-lhe numa voz dura, ríspida:

- Nós somos as *Fadas do Ódio*, Lúcia, ela disse. É nosso trabalho levar pensamentos de ódio, ira e maldade de uma pessoa para outra. Nós tivemos que trabalhar muito esta tarde levando esse tipo de pensamentos de você para Ana e de Ana para você. Agora, você irá para a Terra das Fadas do Ódio e lá você deverá viver até encontrar o caminho da saída.

Lúcia tentou gritar e correr, mas não pôde e sentiu-se carregada pela multidão de criaturas hostis que lhe mostravam os dentes. Entraram numa caverna escura que parecia estar no centro da terra. O ar dentro da caverna era frio e úmido, e Lúcia tremia e desejava ver um pequeno raio de sol. Não havia absolutamente luz em toda a caverna, mas Lúcia podia ver as faces brancas das pessoas doentes brilhando na escuridão.

- Pessoas que habitam a terra do *ódio* e *ira* geralmente são doentes, disse a líder que estava parada perto de Lúcia. E choram como você vê, pois nunca são felizes.

- Eu ficarei doente e infeliz como essas pessoas? Perguntou Lúcia, com muito medo.

-Se você permanecer aqui por muito tempo, ficará, respondeu a líder. E quanta mais tempo ficar, mais difícil será encontrar uma maneira de sair daqui. Esta caverna fica cada vez mais profunda, escura e mais distante do brilho do sol, da saúde e da felicidade.

- Oh! meu Deus! gritou Lúcia, quando uma fada muito má e horrível parou perto dela, pois ela estava pensando:

- Bem, talvez Ana venha para cá e, então, ficará doente, infeliz e eu me alegrarei.

Antes que ela tivesse terminado esse pensamento mal e pouco caridoso, a fada tomou seu braço, e dirigiu-a para um lugar mais distante ainda na negra caverna.

Agora Lúcia estava muito assustada. Como ela poderia sair desse lugar? Ela não podia, não queria ficar ali.

- Por que essas outras pessoas não saem? ela perguntou.

Virou-se para a líder e batendo seu pé no chão com raiva, exigiu que ela a tirasse da caverna imediatamente.

- Você mesma tem que encontrar a saída, ela disse calmamente. Essas outras pessoas infelizes poderiam ter saído se realmente quisessem, mas preferiram ficar aqui.

Não querem fazer a única coisa que poderia libertá-las.

- O que é? Indagou Lúcia. Eu o farei.

Mas as fadas somente arreganharam os dentes de uma maneira repulsiva. Ai, Lúcia viu Ana, que estava muito triste e chorava. De repente, Lúcia sentiu pena de Ana. Correu para a sua prima e colocou seus braços ao redor dela. E um pequeno raio de luz pareceu brilhar por um momento na caverna escura.

- Oh, Ana, Lúcia também estava chorando, oh, Ana, você está doente, infeliz e eu sinto tanto! Você foi tão boa para mim. Eu amo você, Ana.



No mesmo instante, alguma coisa aconteceu. Lúcia ouviu as Fadas do Ódio darem um grito alto e assustado, ao mesmo tempo que desapareceram na escuridão. Então, ela sentiu-se circundada por criaturas maravilhosas, com grandes asas brancas e coroas brilhantes em torno de suas testas.

— Nós somos as Fadas do Amor, disse uma, e viemos para levar vocês a um lugar mais feliz do que este. Mas não podíamos vir enquanto vocês não encontrassem a chave mágica que as libertaria do feitiço dessas horríveis criaturas e abriria à porta da caverna.

— O que você quer dizer por chave mágica? perguntou Lúcia curiosamente.

— Às palavras “*Eu amo você*”, quando pensadas ou pronunciadas em voz alta, são a chave mágica que abre a pesada porta e que nos torna capazes de guiá-las à terra iluminada das Fadas do Amor. As Fadas do Ódio têm muito medo de nós, pois somos mais fortes do que elas. A propósito, o terrível gigante, MEDO, mora um pouco mais distante nesta caverna, mas nunca, nunca vem ao nosso mundo de felicidade. Venha, vamos deixar este lugar.

Lúcia e Ana seguiram esses gloriosos seres (pois a bondade de Lúcia também salvara Ana — muitas vezes acontece assim) e logo chegaram ao topo de uma montanha que estava ensolarada, onde pequenos pássaros, alegres e destemidos, cantavam e voavam. Havia uma infinidade de flores perfumadas e todo mundo era saudável, sorridente e feliz. Esta terra das Fadas do Amor era muito agradável e Lúcia decidiu permanecer nela para sempre.

Então, Lúcia sentou-se na grama macia debaixo do pessegueiro e Ana debaixo da macieira. Lúcia sorriu e Ana sorriu.

— Vamos brincar de escola, disse Lúcia, e você pode ser a professora.

— Não; respondeu Ana, você será a professora.

Ambas sorriram e Lúcia resolveu a questão inteligentemente,

— Bem, vamos fazer um doce e dividi-lo igualmente.

E assim fizeram.

E, depois de tudo, quando Lúcia pensou sobre o assunto, ela não tinha certeza se sua aventura com as fadas do pensamento foi um sonho ou uma realidade.

O que vocês acham?



A AVENTURA

Florence Barr

Era uma manhã enfadonha, escura fria e chuvosa, o melhor dos dias para se permanecer em casa. As janelas estavam fechadas e um fogo vivo estava ardendo na lareira.

Uma mosca estava se divertindo muito andando sobre um espelho colocado em cima da lareira. Estava muito contente consigo mesma e muito distraída com sua imagem refletida no espelho. Era um grande esporte voar para longe e para perto do espelho e, com seus muitos olhos podia ver quando a mão de uma pessoa se levantava para alcançá-la. Cansada do espelho lembrou-se que as moscas podiam andar no teto. Então, voou até lá em cima e andou, de um lado para o outro, sem cair uma única vez. Isto a tornou muito predisposta à aventura e, dessa forma, procurou alguma coisa a mais para fazer.

Que barulho! Uma porta foi aberta e alguém atravessou a sala e abriu uma janela. Quando a mosca olhou ao seu redor, viu que o Sol brilhava intensamente, a chuva tinha acabado e assim voou direto para a janela aberta e saiu ao Sol quente.

Era apenas uma pequena mosca sem muita experiência. E, pela primeira vez, estava sozinha – ninguém para dizer-lhe: “Não vá lá”; “Tenha cuidado”. Oh! Que delícia ser livre. Agora era tempo de ver o enorme mundo de que tanto ouvira falar. Voou sobre uma madressilva, onde uma abelha sugava o mel das flores, zumbindo com felicidade. Ela olhou a abelha com admiração. Então, a abelha foi embora e a mosca seguiu-a. Foram para a floresta, pois a abelha era uma abelha selvagem e morava na floresta. Como voavam juntas, tornaram-se amigas.

- Você gosta das florestas? Zumbiu a abelha.

- É a primeira vez que eu venho aqui, respondeu a mosca.

- Oh, disse a abelha, então tome cuidado aonde vai. Não seja muito aventureira. Seja feliz e divirta-se, mas preste atenção nas armadilhas de moscas ou elas pegarão você.

- Que abelha boba, pensou a mosca, eu vejo muito bem, sou esperta e sei o que estou fazendo. Nada tenho a temer. Terei minha grande aventura.

- Bem, zumbiu a abelha, devo ir. Buzz, Buzz, e ela se foi. E a mosca ficou completamente só.

Pousando sobre uma bela e fresca flor verde para descansar, a aventureira olhou para dentro do estranho botão. Um ruído nas folhas próximas assustou a sempre vigilante mosca, e um passarinho avisou:

- Tenha cuidado; este é 'Jacó no púlpito', uma planta que parece muito bondosa, mas ela não é.

Sabem, isso tornou a mosca mais aventureira do que nunca. Poderia tomar conta de si mesma, pensou, e faria amizade com esse Jacó no púlpito. Afinal, ele não era conhecido como o conselheiro das florestas?

A mosca parecia ouvir uma vozinha dizendo:

- Venha até mim. Não tenha medo.

Vocês conhecem Jacó no púlpito, não? Ele fica reto na flor e tem uma folha maravilhosa, dobrada de tal maneira que forma um púlpito, com um perfeito toldo em cima.

- Não tenha medo, disse a voz delicada.

- Quem está com medo? Disse a mosca. Descerei aí imediatamente.

A minúscula visitante se aventurou cada vez mais para baixo, admirando as belas paredes brilhantes listradas de verde, marrom e preto. Na base do púlpito estavam lindos cachos de minúsculas de flores, arredondadas e esverdeadas. A mosca pousou em uma dessas flores e uma voz delicada disse:

- Nós somos as pequenas flores que Jacó vigia cuidadosamente, até que, pouco a pouco, nós nos tornamos brilhantes grãos escarlates. Aí, Jacó sai de seu púlpito para que todos possam ver os grãozinhos escarlates.

A mosca estava muito emocionada de ter descoberto o segredo de Jacó no púlpito. Estava abafado na base do púlpito, então, a aventureira começou a dirigir-se para fora, para tomar um pouco de ar., mas isso não era tão fácil, pois as paredes eram muito escorregadias e seus pés não se seguravam. Estranho, ela podia andar no teto ou em um espelho brilhante, mas aqui era diferente. De repente, lembrou-se do que lhe havia dito a abelha. Imagine se isso fosse uma armadilha para moscas! Mas não, não podia ser, pois Jacó era um pregador. Fraca e exausta por tentar escapar, a minúscula aventureira finalmente gritou numa vozinha fraca e assustada.



- Oh, bondosa abelha, se você estiver por perto, por favor, venha me salvar.

Então, muito cansada para tentar novamente, a mosca caiu no chão do púlpito, aos pés de Jacó, completamente exaurida.

Um barulho buzz, buzz, buzz, fez a aventureira despertar. A abelha tinha pousado na mesma flor.

- Bondosa abelha, por favor, ajude-me, disse a mosca.

- Onde você está? Disse a abelha, olhando para a flor, mas não se aventurando a entrar.

- Aqui em baixo, disse a mosca.

- Rápido! Disse a abelha, procure uma abertura na aba.

Então, a mosca fez mais uma tentativa para escapar e, sim - encontrou a abertura na aba, em frente, onde as folhas estavam dobradas juntas. Agora, ela não se sentia mais predisposta a aventuras, apenas estava feliz por estar viva.

- Muito obrigada, bondosa abelha, disse humildemente a mosca. Você salvou minha vida. Eu fui uma tola.

- Sim, zumbiu a abelha, mas todos nós somos tolos algumas vezes. No entanto, sempre há um caminho, se o pudermos encontrar.

Então, a abelha e a mosca voaram juntas e se tornaram ainda melhores amigas.



A PEQUENA SOMBRA

D.D. Arroyo

A carinha de Betina estava muito vermelha e as lágrimas rolavam de sua face, enquanto ela batia com seu pé no chão iradamente e gritava:

- Eu não me importo! Essa é minha boneca e Maria a pegou. Eu dei umas palmadas nela e não me arrependo!

Ela segurou a boneca desafiadoramente em seus braços e bateu seu pé no chão novamente, ainda soluçando.

Mamãe sacudiu sua cabeça com tristeza e disse:

- Oh! Betina, Maria é apenas uma garotinha. Ela mal completou três anos e você já é uma menina de cinco. Foi muito errado de sua parte bater nela. Você poderia tê-la deixado brincar com sua boneca por um momento, pois sabe que suas coisas sempre voltam para você. Agora, o que devo fazer? Eu quero que entenda e seja gentil. Especialmente gentil com os que são menores que você. As crianças menores não entendem ainda muito bem as coisas que você já entende. Sabe disso e é por esse motivo que deve ser gentil e prestativa até que elas sejam de seu tamanho. Quando Maria tiver a sua idade, ela não pegará as coisas porque ela entenderá melhor.

Betina ficou quieta enquanto sua mãe falava. Ela se envergonhou, mas não quis admitir. Era o que sempre acontecia. Seu temperamento explodia dentro dela como uma grande nuvem negra, e ela se esquecia de ser carinhosa e boa. Ficava realmente brava e magoava as pessoas. Chorava, chorava e batia o pé. Mais tarde, quando pensava sobre isso, não conseguia entender. Era como se houvesse outra menina dentro dela fazendo todas essas coisas más..., pois ela

sabia que a verdadeira menininha que ela era não queria fazer isso, absolutamente. E, mesmo assim, acontecia todas as vezes. Não sabia o que fazer sobre isso. Simplesmente esquecia e ficava furiosa novamente.

Mamãe tomou sua mão e a conduziu até o alpendre ensolarado que ficava no fundo do quintal.

- Olhe, disse ela, veja, você tem sua sombra. Veja como é bem maior que você. Veja como ela se dirige para frente, se você estiver de costas para o Sol. Veja também como ela pula para trás e a segue, se você se virar. Às vezes, ela fica até menor que você, mas sempre a segue enquanto você estiver à luz do Sol.

Betina olhou para sua mãe, com surpresa. Ela gostaria de saber o que isso tinha a ver com o fato dela ser uma menina má. Sabia que devia existir algo nisso. Sua mãe não a repreendia com frequência. Em vez disso, costumava contar-lhe histórias que faziam com que ela tentasse ser melhor. A repreensão devia produzir esse mesmo efeito, mas mamãe preferia a história.

Mamãe sentou-se nas escadas do alpendre e colocando Betina gentilmente ao seu lado, começou a falar:

- Vou contar a você uma história sobre uma sombra. Quero que ouça bem atentamente, depois deixarei você aqui sozinha por uns minutos, para que possa pensar sobre ela.

Este era o modo com que mamãe fazia as coisas. Depois da história, você devia pensar sobre ela e saber o que fazer a fim de adaptar a história à realidade de sua vida. Algumas histórias podem ajudá-la, como essa.

A voz suave de mamãe continuou:

- Era uma vez uma menininha bonita e que tinha uma bela casa. Tinha tudo o que uma menininha necessitava para ser feliz. Às vezes, algumas meninas não têm tudo o que necessitam. É difícil a vida para essas garotinhas, mas isto não era desculpa para a menininha da qual estamos falando. Ela tinha tudo o que precisava - só que não tinha beleza dentro dela. Quando queria ela sabia ser muito educada, mas, às vezes, tinha um gênio muito ruim. Quando ficava nervosa fazia coisas terríveis. Chegava a ser cruel. Com muita frequência tornava as outras pessoas muito infelizes. Depois, quando conseguia controlar o seu temperamento ruim, sentia-se infeliz. Mesmo assim, continuava com o mesmo temperamento. Mas, um dia, algo muito estranho lhe aconteceu. Ela estava terrivelmente nervosa, tinha dado um tapa na sua melhor amiga. Depois bateu seu pé no chão, gritou e chorou tanto que feriu o ouvido de quem a ouvisse. Ninguém queria se aproximar dela. Iam embora e a deixavam sozinha, e foi aí que essa coisa estranha aconteceu.

- Você, Betina, pode adivinhar o que foi?

- Bem, deixaram-na sozinha no jardim. O Sol estava se pondo e sua sombra pulava para cima e para baixo, do mesmo jeito que ela fazia. De repente, e muito simplesmente, sua sombra se afastou dela e disse-lhe: “Garotinha, estou cansada de a seguir. Não vou mais ficar com você. Será a única menina no mundo que não terá uma sombra. E não voltarei até que pare de fazer com que os outros sofram. Olhe o jeito que você está me sacudindo, para cima e para baixo, cada vez que tem um desses seus acessos de mau humor. Nenhuma sombra gosta disso. A sombra gosta de seguir as pessoas boas. Só voltarei quando você se tornar boa. Até logo!”. E a sombra foi-se embora.

- Ela começou logo a sentir-se muito só. Não queria nem gostava mais de andar ao Sol, porque todos perceberam que ela não tinha sombra e ninguém se aproximava mais dela. Eles a apontavam à distância e diziam: “Olhem que menina estranha. Ela não tem sombra! Ela deve ser muito má, pois nem sua

sombra quis segui-la mais! ”. Isto tornou a menina muito infeliz, e ela começou a lastimar a maneira pela qual tratava as outras pessoas. Assim, começou a tentar ser mais gentil e considerar seus sentimentos em relação aos outros, bem como se descontrolar. Ela tentou tanto, que logo não teve mais acessos de mau humor. Descontrolar-se é um mau hábito realmente, e as pessoas podem aprender a formar o bom hábito de NÃO perder o controle se tentarem. A garotinha estava um tanto surpresa ao perceber que isso era realmente verdade, apesar de sua mãe já lhe ter dito. Agora, sua sombra voltara e seus amigos voltaram também. Ela era novamente uma adorável companheira.

Mamãe se levantou.

- Por favor, pense sobre essa história, Betina. Eu acho que ela ajudará você a controlar seu mau temperamento.

Betina ouviu a porta fechar-se atrás dela, silenciosamente, pois mamãe tinha entrado na casa para preparar o jantar. Era apenas um conto de fadas naturalmente - ela sabia disso. Ninguém neste mundo ouviu contar tal coisa, que uma sombra não acompanhasse alguém. Mas ela sabia o significado da história. Ela sabia como a garotinha devia se sentir. Se essas coisas pudessem acontecer, seria terrível. Para ela seria o mesmo que estar sem o vestido, se não tivesse consigo a sua sombra. Ela sabia que a história serviria para lembrá-la que não deveria mais ficar zangada. Cada vez que olhasse para sua sombra, deveria lembrar-se disso.

Ela saiu do alpendre e sua sombra a seguiu alegremente. Atravessou o quintal e se dirigiu à casa de Maria. Sentiu-se muito mal quando viu no rosto de Maria uma acentuada marca vermelha, no lugar onde, pouco antes, havia lhe dado um tapa. Ela sentou-se e entregou a boneca à Maria dizendo:

- Aqui está, Maria, você pode brincar com ela. Eu sinto muito.

Maria sorriu feliz, o perdão estampado nos seus olhos. Querendo fazer as pazes, Betina disse a Maria:

- Vou contar-lhe uma história.

E falou sobre a história da sombra que sua mãe acabara de lhe contar. Elas estavam sentadas juntas, felizes, quando Betina ouviu sua mãe chamando-a para jantar.

Ela foi saltitando para casa, com sua sombra saltitando atrás dela. Atirando-se nos braços da sua mãe, disse:

- Mamãe, minha sombra me seguiu. É divertido olhar para ela e tentarei lembrar-me de não ficar sacudindo-a para cima e para baixo, procurando não me zangar mais.

Mamãe, deu-lhe um beijo e respondeu:

- É isso mesmo que espero que você faça, querida. Eu quero vê-la tão bonita por dentro, como você é por fora.

Betina sorriu feliz, pois tudo agora estava bem. Ela também queria ser linda por dentro como mamãe lhe dissera. Era tão melhor ser assim!



O MISTÉRIO DAS FADAS

Clara Huffman

As fadas, com seus pincéis minúsculos,
Delicadamente os lábios das margaridas vão pintando,
Em grupos de puro branco, os corações dourados,
As pontas de seus dedos vão matizando.

Lírio laranja, aster púrpura,
Campainhas, íris, anêmonas formosas,
Violetas e lindas rosas selvagens,
Vão colorindo em jornadas grandiosas

Todas as cores do arco-íris,
Com arte verdadeira elas manejam;
Tirando de suas caixinhas de joias
A cor das flores que em nossos campos verdejam.



UMA JORNADA COM AS FADAS

Emma Mary Coates

O pequeno Tiago parou atrás do alpendre da linda casinha branca onde ele, sua mãe, papai e seu cachorro Jobi estavam passando os belos e quentes dias de verão.

E, à propósito, não podemos deixar de mencionar Anabela.

No entanto, no momento Tiago não estava pensando em guloseimas ou pastéis, estava pensando em algo mais.

Ele tinha ouvido uma amiga de Anabela falar sobre um eco que poderia ser ouvido na praia, perto de casa. Tiago, que gostava de saber sobre tudo, desejava conhecer o que um eco podia ser. Então, aquela noite, quando sua mãe o mandou para cama, ele disse:

- Por favor, mamãe, diga-me o que é um eco?

- Um eco, filhinho, repetiu mamãe. Onde você ouviu falar sobre o eco?

Ouvi alguém falar a Anabela sobre um eco que pode ser ouvido da praia, respondeu Tiago.

- Oh, sim, sorriu sua mãe. Bem, Tiago, um eco é uma fada, e uma fada normalmente vive em uma grande caverna ou numa casa vazia.

- Uma fada. Oh! mamãe, você já viu uma? Como elas são? E o que elas fazem? exclamou Tiago.

- Resposta à primeira pergunta, respondeu mamãe com um sorriso. Não, eu nunca vi um eco. Ninguém pode ver, nós só o ouvimos. O que eles fazem?

Quando alguém grita próximo de sua casa, eles sempre respondem, repetindo o que foi dito.

- Mas isso é falta de educação, observou Tiago.

- Oh, não, respondeu Mamãe seriamente, eles fazem isso de uma maneira gentil e amigável.

- Eu gostaria de saber, Tiago replicou, seus olhos quase fechando. Eu gostaria de saber se eu fosse à praia e me sentasse muito quietinho, se apareceria para mim uma fada do eco.

- Talvez não, querido, disse sua mãe, enquanto apagava a luz do quarto. Agora, durma bem e tenha sonhos agradáveis.

Na manhã seguinte, Tiago e Jobi permaneceram fora de casa.

- Eu acho, Jobi, disse Tiago, que nós devemos ir lá embaixo e procurar uma das fadas do eco. Você não acha? perguntou gravemente.

Jobi respondeu de forma afirmativa abanando seu rabo. Jobi era uma companhia tão agradável que sempre concordava, independente do que lhe fosse proposto. Assim, ambos saíram, quase esquecendo de mencionar seu destino. Logo chegaram à praia, mas não sabiam bem onde poderiam encontrar a fada. Eles andaram sem destino. Finalmente, foi Jobi que a encontrou. Ele parou para latir a um atrevido esquilo vermelho, que imediatamente começou a repreendê-lo com muito barulho. Tiago não percebeu isso, pois à medida que Jobi latia, de algum lugar atrás deles vinha o som de mais latidos.

- É a fada do eco, Jobi, exclamou Tiago. Você a encontrou. Você a encontrou.

Depois, Tiago gritou o mais alto que pôde, e imediatamente o som voltou para ele, doce e claro, como só uma fada seria capaz de o fazer. Tiago continuou gritando, mas a fada, mesmo assim, não parecia ficar cansada ou impaciente.

- Oh! Jobi, disse Tiago, como eu gostaria que ela aparecesse para que pudéssemos vê-la. Talvez se ficarmos bem quietinhos, ela pense que fomos embora e resolva aparecer. Vamos experimentar.

O garotinho e o cachorro esconderam-se sob um salgueiro e esperaram. Eles ficaram muito quietos. Pareceu-lhes um longo tempo; estava muito quente e logo a cabeça do garotinho começou a inclinar-se. Ele não conseguia mais ficar acordado.

Então, algo aconteceu, pois, embaixo das árvores; dirigindo-se a ele estava a mais linda criaturinha que qualquer pessoa gostaria de contemplar. Ela era tão pequenina, não maior do que um dos soldadinhos de brinquedo de Tiago, e estava toda vestida de marrom avermelhado.

Em cada ombro havia asas de um tom delicado de verde, sua cabeça coberta com cachos dourados e em seus pés ela calçava minúsculos chinelinhos dourados.

Tiago estava tão certo de que esta era a fada do eco, que ele não ousou mexer-se de medo que ela pudesse desaparecer. Então, ela chegou mais perto, abanou sua varinha e disse alegremente:

- Bem, Tiago, você e Jobi estavam esperando para me ver. Eu sou a fada do eco.

- Oh! Eu sabia, tinha certeza disso, exclamou Tiago, e nós sabíamos que você viria se nós a esperássemos. Você não se importa, não é? ele perguntou.

- Porque me importaria? Sorriu a fada, quando viu o olhar ansioso no rostinho de Tiago. Eu sabia que você estava aqui; se não quisesse que você me visse, você não me veria.

- Mas, diga-me, disse Tiago, há muitas fadas do eco e todas são tão lindas como você?

Novamente a fada sorriu, e seu sorriso parecia o tilintar de sinos de prata.

- Sim, há muitas de nós, ela respondeu, e somos todos iguais. Se você encontrar qualquer uma das outras, não nos distinguiria.

- Como se chamam as outras fadas? Tiago queria saber.

- Chamam-se Eco; todos nós temos o mesmo nome. Agora vou dar um passeio. Vocês gostariam de vir comigo? Se quiserem podem vir.

- E onde é que você vai? Tiago perguntou.

Em resposta, Eco colocou uma flauta dourada em seus lábios e emitiu uma nota clara, suave.

Os olhos de Tiago estavam grandes e brilhantes de admiração. Como ele estava se divertindo! Então, ele viu uma grande tartaruga nadando em direção a eles através das ondas.

- Oh! Que tartaruga grande, exclamou ele. Nunca vi uma tartaruga tão grande como essa.

A fada sorriu:

- Será o nosso cavalo, disse a ele. Que bonito passeio faremos.

Tiago olhou-a atônito.

- Oh! Eu não posso ir com você. Sou muito grande.

Então, ela tocou suavemente em Jobi e em Tiago com sua varinha, e imediatamente eles começaram a diminuir até que ficaram do tamanho da fada. Como tudo parecia fantástico e a tartaruga, que todo esse tempo ficou quietinha, esperando, parecia maior que nunca. Ela era tão grande que Tiago sentiu um pouco de medo dela, até que viu um alegre brilho em seus olhos.

Eco pegou Tiago pela mão e foi para a água, mas Tiago voltou.

- Ficarei molhado, ele exclamou, eu e Jobi poderemos nos afogar.

Mas a fada sorriu e disse novamente:

- Você deve confiar em mim. Cuidarei para que você e Jobi voltem a salvo.

Então, os três subiram nas costas da tartaruga que vagorosamente saiu nadando para o mar. De repente, a tartaruga mergulhou e Tiago descobriu, para sua surpresa, que tanto Jobi como ele podiam respirar tão facilmente sob as águas, como em cima delas.

Que coisas maravilhosas Tiago viu! Eles passaram por enormes peixes que os olhavam curiosamente, e muitos deles se aproximaram bastante; viram enormes cavernas, todas cobertas com lindas algas marinhas. O chão dessas cavernas estava forrado com pedras de todas as cores e, em volta delas, havia inúmeros peixinhos brincando felizes, como fazem as criancinhas.

Uma vez, passaram por algo que parecia grande e escuro.

-Isso, disse a fada, é um navio naufragado.

Tiago sabia tudo sobre naufrágios, pois o irmão de Anabela era marinheiro e, quando ele vinha visitá-la, frequentemente contava a Tiago maravilhosos contos sobre naufrágios e terras estrangeiras.

Durante todo esse tempo a tartaruga continuou nadando, guiada pela fada que a tocava levemente com sua varinha, quando queria que ela se virasse.

- Seria melhor voltarmos agora, a fada disse a Tiago. Viemos longe demais.

Ela virou a tartaruga e eles começaram a voltar, mas, aí, algo aconteceu. A tartaruga parou e recusou-se a ir mais longe.

- Devo comer algo antes de voltar, disse ela firmemente e, a despeito de tudo o que Eco podia dizer e disse, ela recusou-se a levá-los de volta antes de jantar.

- Oh! Meu Deus, o que poderei fazer? Disse a fada.

Devo chegar à casa cedo e devolver você e Jobi, são e salvos. Quanto egoísmo da tartaruga! Nunca mais confiarei nela para trazer-me às águas. Vamos andar e ver se podemos encontrar alguém que nos ajude.

Enquanto andavam pelo fundo do oceano, Tiago disse:

- Por favor, Eco, diga-me como eu e Jobi podemos respirar debaixo d'água? E por que não ficamos molhados?

Eco levantou sua varinha:

- É isto, respondeu. Quando eu os toquei com isto, vocês se tornaram iguais a mim. Assim que retornarmos, farei vocês voltarem a ser o que eram.

Nesse momento, eles estavam andando em volta de uma grande rocha e viram diante deles um enorme castelo.

- Oh! aqui é onde vivem as fadas das ondas, exclamou Eco com alívio. Tenho quase certeza que elas nos ajudarão.

- Quem são as fadas das ondas? perguntou Tiago. E o que fazem?

- Elas são as que, nos dias calmos, fazem as ondas que você vê na superfície das águas, disse Eco. Vamos ver se tem alguém em casa. Já é tempo de voltarmos.

Ela bateu na porta enquanto falava. Esta foi aberta por uma fada do tamanho de Eco, só que estava vestida toda de verde, e Tiago não sabia qual das duas era a mais linda.

- Oh! Onda, gritou Eco. Estou feliz que você esteja em casa, pois estamos em apuros. Espero que você nos ajude.

- Naturalmente que sim, sorriu Onda, isto é, se puder. Mas, quem são esses que estão com você? ela perguntou, dando a Jobi e a Tiago um sorriso de boas-vindas.

- São dois amiguinhos meus, respondeu Eco. Eu os trouxe para um passeio.

E aí contou como a tartaruga os tratara mal.

- Foi muito perverso da parte dela, respondeu Onda. Contarei às minhas irmãs sobre isso e teremos que a punir. Mas entre, e eu tentarei encontrar uma forma de ajudá-los.

Tiago, Jobi e Eco entraram e Tiago olhou tudo com admiração; eles estavam numa sala grande e aqui havia mais daquelas pedras coloridas que ele tinha visto nas cavernas. Eles se sentaram numa grande pilha de musgos macios, e olharam com muito interesse o minúsculo peixe dourado que nadava para lá e para cá, pulando de um canto para o outro, espiando curiosamente por detrás das cortinas de algas marinhas, os estranhos visitantes.

Nesse momento, entrou na sala a fada das ondas.

- Nossa carruagem estará pronta em um momento, ela disse. Mas eu gostaria que vocês pudessem ficar mais tempo, pois há muitos lugares maravilhosos aqui que, tenho a certeza, Tiago e Jobi gostariam de ver.

- Sei que há, replicou Eco, mas devo voltar tão logo possível, pois devo devolver Tiago e Jobi antes que notem a falta deles.

Tiago se perguntava como seria a carruagem, quando ela apareceu diante da porta de entrada. Era uma pérola imensa, na forma de um barco, e ligados a ela, por cordas de algas marinhas, estavam seis lindos peixes dourados guiados por uma fada minúscula, da metade do tamanho de Onda. Ela os saudou amigavelmente e desapareceu em seguida.

- Logo você estará em casa, disse Onda.

Ela tinha subido na carruagem com eles e carregava uma varinha com a qual guiava os peixes, que estavam inquietos e ansiosos para iniciar a jornada.

Como esta jornada pareceu curta para Tiago! Ele pensou que apenas tinham começado, quando Onda parou a carruagem em águas rasas, no exato lugar onde tinham embarcado nas costas da tartaruga.

- Bem, Tiago, você e Jobi se divertiram?" a fada do Eco queria saber.

- Sim, replicou Tiago, e tenho certeza que Jobi também se divertiu, não é Jobi?

Jobi pulava para cima e para baixo e latia de um modo muito engraçado; ele estava tão pequenino!

A fada do Eco sorriu, e estendendo sua varinha tocou a ambos e desapareceu rapidamente na direção da caverna onde morava.



A luz do Sol, ofuscando os olhos de Tiago, acordou-o. Ele sentou-se e olhou a sua volta. Jobi estava ao seu lado, ganindo baixinho.

- Oh! Jobi, gritou Tiago, não nos divertimos? Eu sei que não foi só um sonho. Vamos correr para casa, assim posso contar tudo à mamãe!

Eles começaram a andar e pararam quando Tiago notou as ondas sob a luz do Sol, na superfície da água.

- Veja, Jobi, ele gritou, aquelas são as fadas das ondas, não são?

Jobi pôs sua cabeça de um lado, de um jeito muito esperto, uma de suas orelhas bem em pé, então abanou seu rabinho e latiu concordando. E, ao fazê-lo, por detrás da montanha veio a doce e nítida resposta do Eco.



A PEQUENA ÁRVORE PERTURBADA

Kay Randall

A pequena árvore estava assustada. Bem, talvez não exatamente assustada, mas terrivelmente perturbada.

No entanto, não era a primeira vez que ela se sentia assim. Houve aquela vez quando ela estava dormindo de forma tão confortável. Be-e-em, não era propriamente dormindo, mas dormitando no solo gostoso, escuro e muito bem aquecido. Tinha sido tão delicioso permanecer lá, no solo amigo, espreguiçando-se de vez em quando para se desenferrujar. Mas, um dia, uma esticada ambiciosa tirou sua cabeça do solo e um exuberante bocejo transformou-se em um grito assustado. A situação foi efetivamente muito difícil. Por mais que ela tentasse, não podia retirar sua cabeça debaixo do solo amigo.

O solo tinha sido um tanto desalmado, também. Antes, tinha sido sempre muito amigo, aconselhando a arvorezinha a espalhar suas raízes para fora, a fim de colher alimento com mais facilidade. Esse mesmo solo tinha sido tão prestativo em armazenar alimentos e umidade no local adequado - como se estivesse colocando uma mesa de banquete bem em frente dela, apesar da arvorezinha nada entender sobre mesas. Mas, agora, o solo tinha apenas rido de sua terrível situação.

- O que posso fazer? lastimou a arvorezinha. É tão estranho ter minha cabeça descoberta.

- Estranho, realmente, zombou o insensível solo. Meu Deus, será que terei de suportá-la durante toda sua vida? Pare de se lastimar e absorva tudo o que você puder dessa maravilhosa luz do Sol.

- O que é a luz do Sol? perguntou a arvorezinha.

- Boba, disse o solo, olhe para cima e você verá o Sol. Não há engano!

Naturalmente, a arvorezinha não o conhecia, como tudo isso aconteceu logo pela manhã, o Sol estava apenas iniciando sua jornada através do céu, assim, quando a arvorezinha olhou para cima, lá estava o Sol. Ele sorriu da maneira mais gentil possível, de forma que a arvorezinha retribuiu o seu sorriso sentindo-se muito bem. Esta situação era excelente e ela parou para pensar sobre isso.

- Por que você não me falou antes sobre este adorável lugar? Disse a árvore, repreendendo o solo, olhando-o fixamente. Você sabia disso o tempo todo, ela acusou.

O solo não lhe deu qualquer resposta, mas sorriu de maneira cordial. A arvorezinha suspirou aliviada. Mais uma vez ela virou sua face para o Sol. Ela olhou tão fixamente para esse Astro amigo que quase ficou cega. Então, transferiu seu olhar para o solo, piscou e piscou até que sua visão se tornou normal outra vez. Aí começou a olhar para todos os lados. Ela estava cercada por uma verdadeira floresta ou qualquer outra coisa, porque não sabia como chamá-la. E algumas de suas companheiras eram bem maiores que ela.

- Olá, ela saudou a árvore mais próxima, que era muito maior que ela.

- Você está se dirigindo a mim? perguntou friamente a árvore alta, com grande dignidade. A arvorezinha nada sabia sobre dignidade, e espantou-se, e isto fez com que ela se sentisse encabulada.

- Sim, senhora, a arvorezinha rapidamente respondeu, recuperando-se. Que lugar é este?

- Este é um viveiro, explicou a árvore grande.

- O que é um viveiro? quis saber a arvorezinha.

- É um lugar, disse a árvore grande, onde as arvorezinhas como você são cuidadas até que chegue a hora de partir.

-Partir? A arvorezinha estava se tornando cada vez mais perplexa. O que significa partir?

- Bem, é - partir.

A árvore grande estava evidentemente em dificuldades - talvez nem mesmo soubesse a resposta.

- Você não sabe o que significa partir? a arvorezinha persistiu.

Mas, antes que a grande árvore pudesse responder, as companheiras que estavam ao seu redor puseram-se a rir, agitando-se em contentamento, enquanto a árvore alta parecia agitar-se de desgosto. Só que toda essa agitação devia ser por causa de uma brisa brincalhona que veio dançando e balançava as árvores para lá e para cá.

As demais árvores não deram opinião, e até mesmo o solo não a ajudou, pois ele tinha aconselhado:

- Não faça tantas perguntas. Somente espere, que no devido tempo você saberá.

- O que é o tempo? a arvorezinha quis saber.

Porém, o solo não deu resposta. Depois disso, a pequena árvore passou o dia entretida olhando para o Sol e para suas companheiras.

Depois, ficou novamente perturbada, mais ainda do que quando retirou sua cabeça do solo. Notou que o Sol estava fazendo uma espécie de jogo. Parecia

estar perseguindo ou correndo atrás de alguma coisa no céu, mas a arvorezinha não foi capaz de saber o que era. E, de repente, o Sol sumiu de vista. Isto a surpreendeu tanto, que perguntou novamente, e desta vez em um tom mais digno de uma árvore.

- O que aconteceu? a arvorezinha indagou timidamente, para ninguém em particular.

- É noite, bobinha, as outras árvores responderam em coro.

- O que é noite? desejava saber a arvorezinha.

- Hora de dormir, disse a árvore maior, que tinha respondido durante o dia, às suas perguntas.

Então, como que sentindo um pouco de vergonha de si mesma pela impaciência anterior, acrescentou:

- O Sol foi dormir para estar revigorado de manhã e seria melhor você fazer o mesmo.

A arvorezinha queria saber o que era manhã, mas achou melhor não perguntar. Estava ainda perturbada e em nenhum momento sentiu sono e sequer sonhou durante toda a noite.

Na manhã seguinte estava muito surpresa. Naturalmente lá estava o Sol e todas as outras árvores e o solo. Mas, o surpreendente era que, embora não se lembrasse de ter se esticado – isto devia ter ocorrido pois sua cabeça estava muito mais alta – estava mais próxima do Sol do que quando fora dormir. Todas essas coisas surpreendentes aconteceram e tudo muito de repente.

A arvorezinha estava feliz - mesmo com todos os seus sobressaltos - e, à medida que os dias passavam, ela notava com satisfação que, mesmo durante

o dia, sua cabeça tornava-se mais alta, cada vez mais próxima do Sol. Ela aceitou o conselho do solo e raramente fazia qualquer pergunta agora. O ambiente que a cercava já não a incomodava - acostumara-se a ele. Sabia, sem que lhe dissessem, que o seu corpo se chamava tronco, e ficou orgulhosa o dia em que uma folhinha tinha aparecido no seu próprio tronco! Lá ela permaneceu fazendo uma bela decoração, pensou a arvorezinha. Ela nada mencionou, pois notou que algumas de suas companheiras estavam enfeitadas com duas e até com três folhinhas. Ela não as invejou. Absolutamente. Parecia a ela que muitos enfeites não significavam bom gosto. De qualquer forma, ela decidira esperar e ver como as coisas se desenrolariam. E assim o tempo passou meses naturalmente, apenas a arvorezinha não sabia disso porque não sabia ler um calendário.

Um dia, algo que se movia caminhou por entre seu grupo e amarrou alguma coisa no seu tronco. A princípio ela se sentiu desconfortável, mas logo habituou-se com aquela coisa. Como decoração deveria ter o seu valor, exceto que todas as suas amigas tinham as mesmas coisas amarradas em seus troncos, assim ela não levava nisso qualquer vantagem. Essas coisas que se moviam entre o seu grupo eram muito estranhas. Não pareciam árvores, isto é, não muito. E emitiam sons esquisitos enquanto falavam. A arvorezinha desejou saber como seria movimentar-se como elas, embora jamais pudesse se mover dessa maneira, pois elas tinham dois troncos. Ela tentou arrancar suas raízes do solo, de maneira que pudesse tentar a experiência, mas teve que desistir porque o solo estava tão aderido a elas, que não conseguiu movê-las. E a única resposta que recebeu ao questionar o solo foi de censura: “Não seja boba”. Ela gostaria de saber, um tanto ansiosa, o que significava ser boba, mas decidiu não perguntar.

Depois de desfrutar de uma vida sem problemas por alguns meses, durante os quais sua cabeça continuou cada vez mais próxima do Sol, ela estava novamente pen.... Não, desta vez ela estava realmente assustada. Aquelas

coisas que frequentemente se moviam entre seu grupo tinham vindo novamente e olhado, com atenção, a coisa amarrada em seu tronco e uma delas disse:

- Aqui está exatamente o que você procura, um vigoroso pessegueiro dourado.

Isto lhe soou tão engraçado que a arvorezinha quase entrou em convulsão de tanto rir. Uma daquelas coisas que se movia a chamara de vigoroso pessegueiro dourado, quando ela e todas as suas amigas sabiam, com toda certeza, que ela era uma árvore. Mas, seu sorriso foi sufocado quando algo duro passou através do solo muito rudemente e quase cortou uma parte de suas raízes. De repente, suas raízes estavam fora do solo e ela estava se movendo diretamente através das fileiras de suas companheiras, sem mesmo tocar no chão. Ela tentou gritar, mas estava obstruída em sua seiva e mal conseguiu respirar. Ela ouviu debilmente a voz da árvore mais alta, que tinha respondido a tantas de suas perguntas, dizer:

- Agora, você sabe o que significar partir.

Se isso significava partir, a arvorezinha decidiu que não gostava disso, nem um pouco. De fato, quando se recuperou de seu susto, ela ressentiu-se enormemente. O fato de ter perguntado o significado de partir, não queria dizer que ela realmente quisesse saber. Não podia entender porque mostravam a ela as coisas, quando simplesmente se interessava em saber como eram e aí nem sempre recebia resposta. A vida realmente estava se tornando muito complexa.

O partir não tinha sido tão mal, como descobriu depois, pois suas raízes encontraram um novo solo amigo que imediatamente as abrigou de maneira mais reconfortante. Assim, a pequena árvore voltou ao seu estado normal de fazer perguntas enquanto olhava ansiosamente o seu novo lar, o Sol ainda apostava corrida no céu, o que era reconfortante, e o solo era tão amigo como

tinha sido o outro. Aí, deu um olhar mais atento para as redondezas. Suas companheiras estavam bem mais distantes umas das outras do que estavam antes, e aparentemente ela era a única árvore pequenina neste estranho novo lugar.

Uma grande e velha árvore estava por perto e a arvorezinha pediu a ela uma informação.

- Isto é um viveiro? ela queria saber.

A velha árvore respondeu, de maneira cordial, dizendo:

- Não, isto é um pomar.

- O que é um pomar? perguntou a arvorezinha.

- Um lugar onde as árvores vivem, foi a resposta.

- Mas pensei que este lugar onde as árvores vivem fosse um viveiro, pelo menos foi o que me disseram as outras arvorezinhas.

- Bem, explicou a velha árvore, há lugares e lugares. As árvores moram em ambos; no viveiro quando são pequenas e no pomar quando são mais velhas.

- Oh, murmurou a arvorezinha excitadamente e, em seguida agitou os seis galhos que lhe tinham crescido, enquanto permaneceu no viveiro. Entendi, um viveiro é um viveiro, mas um pomar é um partir.

- Um partir?

A velha árvore ficou muito surpresa até que a arvorezinha explicou sobre como a árvore mais alta, no viveiro tinha lhe dito que haveria uma época de partir.

- Sei, a velha árvore riu. Não, um pomar não é um partir. Um viveiro é um viveiro, um pomar é um pomar, e o que acontece entre dois é que é partir.

Essa explicação não ajudou muito a arvorezinha, mas ela decidiu nada mais perguntar sobre o assunto.

- Você é quase uma árvore grande, disse-lhe a velha árvore.

Isso deu à arvorezinha um sentimento de importância que era muito agradável – algo como o agradável sentimento que tinha quando se esticava.

- O ano que vem, disse-lhe a velha árvore, você dará frutos.

- O que é fruto? perguntou a arvorezinha.

- Espere e verá, respondeu a velha árvore e, então, como o solo lhe havia dito uma vez, acrescentou: espere e no tempo certo você saberá.

Respostas estranhas, pensou a arvorezinha com irritação. Por que não respondiam suas perguntas? Parecia--lhe que era tão fácil responder suas perguntas quanto dizer que ela esperasse. Logo esqueceu disso, pois estava interessada em descobrir e conhecer o que estava à sua volta. Ela tinha muitas folhas agora, mas em vez de estarem no seu tronco, estavam nos seus galhos. Davam-lhe um bom efeito, ela pensou.

E assim, muitos meses se passaram. Mais galhos brotaram e os mais velhos tornaram-se maiores e mais folhas surgiram. A arvorezinha realmente estava emocionada até às raízes. Aí, começou a acontecer uma coisa. Ela não ficou assustada nem perturbada, mas desejava saber por que sua seiva se dirigia as suas raízes, em vez de ir para seu tronco e seus galhos.

- Não pense nada sobre isso, a velha árvore aconselhou. Você está se preparando para o sono do inverno.

- Mas eu durmo todas as noites, protestou a arvorezinha. E se eu devo dormir durante esse inverno o que é isso? O inverno vem entre o dia e a noite ou entre a noite e o dia?

- Nem uma coisa nem outra, respondeu a velha árvore. Você já passou por isso no viveiro, mas era muito jovem para se lembrar. Apenas espere e, no tempo devido, você saberá.

Mas a arvorezinha estava experimentando uma sonolência tão grande que nem se ressentiu da resposta que tantas vezes já ouvira. E ela estava cada vez mais sonolenta, de maneira que nem percebeu que suas folhas caíram. E logo se esqueceu de tudo e entrou num sono profundo.

Mais tarde acordou – a velha árvore lhe disse que era primavera.

Naturalmente a arvorezinha agora mais do que quando dormira – queria saber o que era a primavera, mas estava muito ocupada para perguntar. Sua seiva, ela percebia, estava fluindo fortemente através de seu tronco e de seus galhos. O Sol brilhava alegremente, e suas folhas estavam brotando de uma forma maravilhosa. A vida, parecia a ela, era algo que valia a pena. Este sentimento, ela pensou, devia ter alguma relação com a coisa chamada primavera, mas ela percebeu que não adiantava querer saber como a primavera tinha chegado, pois tanto ela como as suas amigas tinham dormido, e assim não havia ninguém para lhe responder sobre tais assuntos.

Então, um dia, ela ficou terrivelmente surpresa, pois pequenas coisas brancas e rosadas estavam em todos os seus galhos. Nada de assustar naturalmente e eram bem decorativas, mais ainda do que as folhas. Ela estava bastante orgulhosa dessa nova contribuição ao seu guarda roupa. Notou que a árvore velha também tinha as mesmas coisas em seus galhos, só que em maior número; assim sendo, pediu a ela explicações.

- São botões, explicou a árvore velha. Primeiro os botões, depois os frutos.

A arvorezinha decidiu nada perguntar sobre os frutos - ela já havia perguntado uma vez, sem resultado. De qualquer forma, ela estava muito ocupada com os acontecimentos. Passarinhos e abelhas ficavam em volta dela o tempo todo. Soube de seus nomes pela velha árvore. Eles eram ótimos companheiros e divertidos. Os passarinhos sentavam-se em seus galhos e faziam um barulho agradável - eles eram efetivamente bem alegres e simpáticos. Naturalmente que a linguagem deles era muito mais forte do que a do suave suspiro das árvores. E as abelhas pareciam se deliciar com os botões, pois ficavam à sua volta e dentro deles a maior parte do dia.

Mas, aí chegou um dia de consternação, seus botões estavam caindo. Ela apelou para o conselho da árvore velha.

Meus botões estão caindo, ela disse excitadamente. Será que eu também vou cair?

- Absolutamente, assegurou-lhe a árvore velha. Você está se preparando para os frutos. Você é um pessegueiro e os seus frutos serão pêssegos.

- Oh! a arvorezinha recebeu a informação dolorosamente. É uma pena eu perder os botões quando eles são tão atraentes.

Ela tinha certeza que se sentiria nua, ou como alguém se sentiria com um mínimo de adornos.

Porém, sobreviveu à tragédia e permaneceu bem atenta observando o crescimento de seu primeiro fruto. De início, sentiu-se um tanto desapontada. As pequenas coisas verdes, nodosas, não eram tão bonitas como seus botões e, de qualquer forma, ela tinha esperado algo diferente. Não podia explicar bem o que esperava - a única coisa que sabia é que não estava satisfeita. Mas, pouco a pouco, dia após dia, refez sua opinião. Não se podia negar o fato de que se tornavam mais bonitos cada dia - todos os seus seis frutos. Ela tinha

ficado muito entusiasmada e tinha até mesmo se vangloriado um pouco de sua proeza para a árvore velha. Esta tinha sorrido, afavelmente.

Entretanto, tinha chegado o dia da grande tragédia o dia em que outros tomaram conhecimento da arvorezinha. Ela tinha notado que aquelas mesmas coisas que se moviam sobre o solo, no viveiro, também se moviam e do mesmo modo, no pomar. De início, suspeitou muito delas, pois teve medo que ela fosse partir novamente. Porém, como nada aconteceu, ela gradualmente deixou de suspeitar deles e até mesmo lhes deu boas vindas, especialmente quando admiravam suas vestes de folhas e botões. Mas, ultimamente, elas estavam admirando seus frutos - até mesmo os tocavam. Ela não se importava muito. Coitados, eles não possuíam os frutos dourados que ela possuía.

Mas, que horror! Aquelas coisas que se moviam no pomar tinham arrancado seus belos frutos - todos os seis, covardemente! Como ela poderia sobreviver a isso? Seus belos frutos - seus únicos frutos!

Com sofrimento, ela contou para a árvore velha o terrível golpe. Contou-lhe todo o cuidado que tomara com seus frutos, do orgulho que tinha deles – tudo reduzido a nada.

E a árvore velha com carinho a consolava:

- Arvorezinha, você completou um ciclo de sua Vida. Você veio aqui para cumprir uma missão.

- Quem fez isso? perguntou a arvorezinha. Nunca ninguém me contou sobre uma missão. Houve partidas, tempos, invernos e primaveras, mas nunca ninguém me falou sobre missão.

Diante disso, a árvore velha sorriu com ternura, através de seus muitos troncos.

- Ouça, ela disse, as coisas que pegaram os seus frutos chamam-se homens. Eles pensam que colocaram você aqui, mas não é bem assim. Deus, que criou você, é que o fez. E Deus lhe deu uma missão a cumprir. Ele quis que você tivesse folhas, após lhe dar galhos vigorosos. Assim, os passarinhos puderam descansar e gozar de sua sombra.



- Quem fez os passarinhos? perguntou a arvorezinha. Eles têm uma missão? E por que não criam sua própria sombra?

- Bem, bem, reprovou a árvore velha, não faça muitas perguntas. Estou falando sobre você, apesar de falar sobre os passarinhos, Deus os criou, como criou as outras coisas.

- Deus é uma árvore como nós? a arvorezinha quis saber.

- Não, respondeu a velha árvore. Agora deixe-me terminar sua história. Depois que suas folhas cresceram, vieram os botões. Isto foi a primeira tarefa para, em seguida, crescerem os frutos. Mas você também foi feita para

enfeitar o mundo - e isso é tão importante quanto frutificar - pois você estava muito bela com suas folhas verdes e botões cor-de-rosa.

A arvorezinha aprumou-se. Era bom ser apreciada, pensou.

- Também, continuou a velha árvore, os botões continham alimento para as abelhas que você tanto admirou. Aí vieram os frutos que os homens comerão, pois eles não podem comer a luz solar, como faz você.

- Eu não gosto que eles comam os meus frutos, disse a arvorezinha. Meus pêssegos são tão belos!

- Esse é o motivo de você ser uma árvore, continuou a velha árvore, como se não tivesse sido interrompida. Olhe o que você fez: abrigou os pássaros, alimentou as abelhas, foi uma coisa de grande beleza e agora alimenta os homens. Esta é sua missão. Deus lhe deu uma grande participação no trabalho da vida. No próximo ano, você fará tudo novamente.

- Bem, murmurou a arvorezinha, espero que Deus esteja satisfeito. Quanto ao próximo ano - esperarei e saberei, no devido tempo - talvez.



MARCOS E O ANJO

D. D. Arroyo

Marcos sentou-se na varanda e olhou para o jardim. Suspirou profundamente. Estava ficando escuro e as flores estavam se balançando delicadamente na brisa da tarde. Era como se elas educadamente inclinassem suas cabeças e dissessem: “Boa tarde, Marcos”. Algumas vezes, ele se sentia como se elas realmente pudessem dizer-lhe algo semelhante, se pudessem falar. Algumas delas pareciam ter lábios pintados em suas faces, mas nunca diziam nada; isto é, não em voz alta. Mas, Marcos tinha certeza que elas pensavam coisas que poderíamos ouvir se escutássemos com nosso coração, e não com nossos ouvidos.

Os pirilampos cintilavam pelo jardim e, por um momento, Marcos desejou que pudesse voar como eles e brilhar dessa forma tão bonita. Suspirou novamente, dessa vez com bastante tristeza. Atrás dele, ouviu sua mãe perguntar:

- O que é isso Marcos, qual é o problema? Um suspiro tão profundo para um garoto tão pequeno.

Marcos olhou para sua mãe. Sabia que podia sempre confiar os problemas à mamãe. Ela não ria como rira Salete, que morava do outro lado da rua, quando ele lhe falara esta tarde sobre seu problema. Ele desabafou:

- Mamãe, você já viu um Anjo - um Anjo honesto e verdadeiro?

Mamãe sorriu.

- É isso que o perturba?

Marcos concordou e mamãe sentou-se ao lado dele nos degraus da varanda.

- Bem, eu vou contar, Marcos. Eles não se encontram tão facilmente e talvez você não os procure no lugar certo.

- É preciso ter uma visão muito boa e acurada para ver os Anjos, mamãe? Talvez meus olhos não sejam suficientemente fortes. Será que preciso de óculos para ver um? perguntou Marcos excitadamente.

Mamãe colocou as mãos de Marcos entre as suas.

- Não é exatamente isso, Marcos. Os Anjos são diferentes das fadas e dos gnomos e dos pequenos elementais, cujas histórias nós lemos. Os anjos são - bem, são para nós como nossas irmãs e irmãos mais velhos.

Marcos abanou sua cabeça com surpresa.

- Como?

- Bem, eles entraram num estágio de evolução similar ao nosso, há muitos anos atrás. É como o seu irmão maior, Tomás. Ele já se formou e você ainda está na escola. Assim, ele sabe muitas coisas que você não sabe e pode ajudá-lo de muitas maneiras que você não aprendeu ainda.

- Mas, protestou Marcos, eu crescerei rápido e o alcançarei.

- Naturalmente que sim, replicou mamãe, da mesma maneira que todos nós, um dia, seremos como os Anjos.

Marcos sorriu com alegria, diante disso.

- Fale-me mais sobre os Anjos.

Mamãe continuou:

- Bem, os Anjos têm seu trabalho a fazer, tal como nós. Em todo o Universo de Deus, cada ser tem sua tarefa a fazer e os Anjos também têm seu trabalho,

especialmente para conosco. Nós somos seus irmãos mais novos e, algumas vezes, eu receio, nós somos muito difíceis de ser ajudados.

- Como? perguntou Marcos.

- Oh, respondeu mamãe, houve uma época em que os Anjos estavam mais próximos dos humanos e muitas pessoas eram capazes de vê-los e receber ajuda diretamente deles. Você sabe que há histórias sobre eles na Bíblia.

- Por que não é assim, agora? Marcos perguntou, com os olhos ansiosos.

Mamãe explicou:

- Porque os seres humanos tornaram-se maus e, assim seus olhos não podem mais ver os Anjos. Eles sentem-se tão importantes que não têm mais a alma suficientemente pura para comungar com seus irmãos Anjos. Eles estão mais interessados em procurar emoções e divertimentos. Eles se machucam mutuamente nessa espécie de divertimento e os Anjos não podem se aproximar de tantas coisas ruins. Eles permanecem longe do egoísmo, da avareza e da maldade, pois onde existem essas coisas, o coração não pode ser suficientemente puro para comungar com os Anjos.

Marcos suspirou.

- Que trabalho eles fazem?

Mamãe respondeu:

- Eles têm diversos tipos de trabalho. Alguns dirigem o reino das fadas e dos elementais, de maneira que essas criaturinhas sejam capazes de desenvolver-se e aprender. Outros Anjos são os construtores do Universo. Eles ajudam a natureza a formar as montanhas e os rios. Eles ajudam as mães a construir o corpo de seus filhinhos quando as crianças estão para nascer. Eles trabalham

como pensamento dos seres humanos e tecem os melhores pensamentos que pairam sobre uma comunidade, de maneira que os maus pensamentos não possam fazer mal às pessoas. Algumas vezes, os pensamentos são tão terríveis que se tornam difíceis para eles.

Marcos acenou compreensivamente.

- É por isso que você quer que eu não fique zangado e tenha bons pensamentos, não é? As minhas preces podem ajudá-los?

Mamãe concordou:

- Oh, sim, cada um de nós ajuda dessa forma, para que o mundo possa tornar-se um lugar mais feliz. Veja, muitos pensamentos maus trazem secas, fome e inundações. A natureza devolve ao ser humano exatamente aquilo que o ele emite. Os Anjos, pairando ao nosso redor, tentam inspirar o ser humano para que ele possa ter uma vida melhor. Eles abençoam e expandem todas as boas ações, de maneira que todos os humanos possam tirar proveito dos benefícios.

Marcos perguntou:

- E há Anjos que trabalham na música e nas florestas?

- Sim, respondeu mamãe. Eles trabalham nos éteres, nas substâncias aquosas do Universo. Eles tecem todas as formas que vemos, porque são mais sábios e sabem como obedecer a todas as leis. Nós, humanos, não aprendemos ainda a obedecer. Pense no prejuízo que acarretaríamos pela nossa ignorância, sem a ajuda deles.

Marcos sorriu.

- Você acha que serei capaz de ver um Anjo algum dia, Mamãe - ver um Anjo de verdade?

- Talvez você seja um dos abençoados com tal visão, respondeu mamãe.

Marcos pensou um momento. Era o mais terno desejo de seu coração, conhecer mais sobre esses maravilhosos Seres chamados Anjos.

No dia seguinte, falou a seu pai sobre as coisas que sua mãe lhe havia dito e seu pai, concordando, disse:

- Sua mãe está certa. Há apenas uma coisa que posso acrescentar ao que ela lhe disse. Talvez isso o ajude a ver um Anjo, um dia.

A face de Marcos brilhou e seus olhos cintilaram.

- O que me ajudará a ver um Anjo, papai?

Seu pai respondeu:

- Bem, Marcos, sua mãe já lhe contou como precisamos ser bons; tentando ser como os Anjos, de maneira que seus desejos possam ser como os desejos deles e assim seus olhos estarão mais em sintonia com a luz. A outra parte é *querer*. Quando você deseja uma coisa com intensidade, muitas vezes esse desejo é alcançado e ainda mais se você fizer sinceramente toda a sua parte.

Marcos bateu palmas.

- Mas eu realmente quero. Todo o tempo fico tentando. Quando trabalho no jardim, penso nas pequenas fadas e duendes que também trabalham lá, e depois nos maravilhosos Anjos que dirigem as pequenas fadas.

Na sala, mamãe sorriu para os dois. Ela havia chegado do jardim e seus braços estavam cheios de flores.

- Ainda falando sobre os Anjos, Marcos? ela perguntou.

Papai e Marcos retribuíram o sorriso de mamãe e papai disse:

- Sim, e você sabe que tenho ouvido as pessoas dizerem que; muitas vezes, é mais fácil vê-los em grandes e belas florestas onde o encanto da natureza está mais em harmonia com eles; do que na desarmonia que existe onde as pessoas não se amam.

Mamãe indagou:

- Marcos, papai disse a você onde vamos passar as férias?

Papai respondeu, antecipando-se:

- Não, eu queria dizer a Marcos quando você estivesse conosco. Veja, Marcos, sua mãe e eu pensamos que talvez nestas férias pudéssemos acampar em uma das florestas perto daqui.

Marcos pronunciou suavemente:

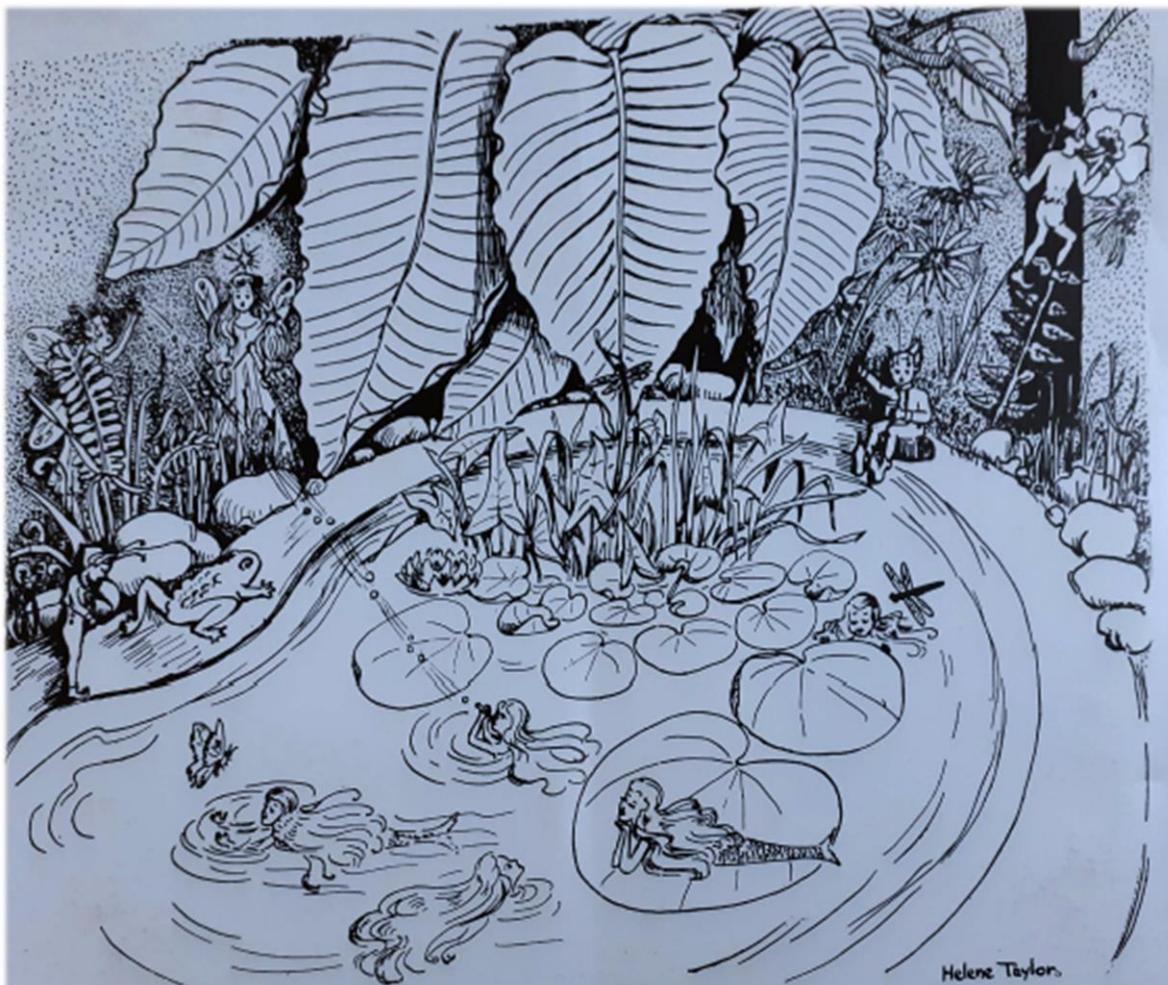
- E lá eu poderei realmente procurar um Anjo, não é?

Mamãe e papai concordaram e beijaram Marcos ternamente e depois ele se dirigiu para a cama, talvez para sonhar com as férias na floresta onde lhe seria possível ver um Anjo.

E o sonho de Marcos se tornou realidade. Ele estava na floresta onde a família estava acampando. Divertia-se muito. Um dia estava sentado silenciosamente sob um olmo, quando um veadinho se aproximou dele. Seu coração estava cheio de amor pela linda criaturinha e ele lhe ofereceu pedacinhos de pão que tirava de seus bolsos.

Seu coração transbordava de paz e felicidade e, enquanto esteve lá sentado, aconteceu uma coisa maravilhosa. Quando ele olhou para a árvore, viu brilhar uma luz na forma de um Anjo. A floresta estava quieta, mas mesmo assim

parecia haver o som de uma música perto do o lugar, som que parecia estar à volta dele. Sentiu ondas de amor banhá-lo e um lindo rosto sorriu para ele.



Marcos sentiu como se todo o amor, luz e bondade do mundo estivessem jorrando sobre ele. Viu a doce face olhando-o ternamente das alturas e a luz tornou-se tão intensa que ele teve que fechar seus olhos. Mesmo assim, com seus olhos fechados, ele sentiu a música, o brilho e o amor à sua volta.

Quando abriu seus olhos, papai e mamãe estavam ao seu lado, observando-o. Suas mãos pousavam suavemente nos seus ombros. Ele olhou para os dois com um olhar indagador. Seus pais sorriram e Marcos percebeu pelo brilho dos olhos deles, que também tinham visto o Anjo.

Marcos perguntou suavemente:

- Algum dia serei assim?

Foi mamãe que respondeu:

- Algum dia, todos nós seremos assim, Marcos; e o mundo será um lugar maravilhoso quando todos formos bons e amorosos.



DORMINDO FORA

Edna Blevins Lewelling

Algumas vezes, no verão, quando está quente,

Minha mãe, papai e eu andamos,

Até alcançar o topo da montanha,

E sob o céu adormecemos.

Não levamos tendas ou coisas semelhantes,

Apenas cobertas sob o chão.

E, então, o vento chega devagar e fresco

E ruído ele não faz não.

Todas as folhas sussurram muito baixo,

Nunca elas gritam realmente!

Eu tento e tento e tento ouvir

O que elas falam mansamente.

Ainda não entendi

Uma única palavra que elas dizem,

Apesar de em muitas noites querer escutar,

E durante o dia sobre isso pensar.

As fadas, essas são diferentes,

Quase tudo o que elas dizem, eu já ouvi,

Elas riem e cantam e viram cambalhotas,

Da maneira mais alegre que já vi.

Minha mãe diz que é apenas o riacho,

Que nenhum bando de fadas, na verdade há.

Mas eu creio que ela está despreparada

Para realmente entender o que existe lá.



O JARDIM DA FANTASIA

Maude H. Wikinson

A Lua surgiu vagarosamente sobre a montanha e começou a observar um grupo de alegres flores coloridas que cresciam num velho jardim.

Quando a Lua viu a Libélula-Azul, por quem estava procurando, sua face redonda adquiriu mais brilho e disse:

- Libélula-Azul, é hora de levantar-se.

Libélula-Azul estava dormindo no miolo de uma Rosa-cor-de-rosa, mas quando a Lua lhe falou, ela moveu um pouco suas asas e continuou dormindo.

- É desse modo que você se comporta quando eu a chamo? Sorriu zombeteiramente a Lua, enquanto olhava para sua amiguinha delicada, de quem gostava tanto. Eu vou brilhar mais forte para ver se isso acorda você, acrescentou, enquanto enviava a ela um raio mais forte.

Libélula-Azul abriu um olho, fechou-o novamente e continuou a dormir.

A Lua ficou perplexa e disse:

- Meu Deus, será que aconteceu alguma coisa? Ela geralmente se levanta assim que a chamo!

- Não, está tudo bem, respondeu a Rosa-cor-de-rosa, em cujo miolo ela dormia. Eu quis que ela ficasse aqui, por isso dei-lhe uma grande dose de perfume para fazê-la dormir por mais tempo; quando eu a acordar, terá esquecido tudo sobre seu trabalho e ficará comigo. Por favor, vá embora e deixe-nos sozinhas.

A Rosa-cor-de-rosa se fechou de tal forma, que a Lua percebeu que não adiantaria mais argumentar com ela, pois a pequena Rosa dobrou suas pétalas em torno da Libélula-Azul como uma cortina, que a escondeu completamente da vista.

- Bem, bem, murmurou a Lua para si mesma, naturalmente não culpo a Rosa por amar a pequena companheira, pois todas nós a amamos, porém não há motivo para mantê-la só para si mesma. Eu não pensei que a Rosa-cor-de-rosa fosse tão egoísta. De qualquer forma já que a Libélula-Azul me pediu para acordá-la, devo fazer isso e ver se ela vai trabalhar; mas como posso fazê-lo?

A Lua permaneceu quieta por alguns minutos, desejando saber quem poderia ajudá-la. Então, seus olhos se dirigiram para uma pequena vila, não muito distante.

- Alô, Brisa, ela disse, dirigindo-se a um pequeno sopro de vento, vejo que você está fazendo suas travessuras como sempre.

- Sim, respondeu Brisa sorrindo, estou tentando tirar o chapéu daquele velhinho. Veja! E deu um forte sopro quase conseguindo derrubar o chapéu. Entretanto, o velhinho era bem rápido e pegou seu chapéu a tempo.

Brisa era persistente e gostava de fazer as coisas a seu modo. Riu e disse:

- Desta vez você conseguiu, companheiro, mas ainda vou pegar o seu chapéu.

Assim, depois de esperar alguns segundos, Brisa deu outro sopro inesperado; mas ainda desta vez o velhinho foi mais rápido e o vento não levou o seu chapéu.

Após observá-la por algum tempo, a Lua sussurrou misteriosamente:

- Brisa, conheço alguém com quem você poderá se divertir muito mais.

- Verdade? replicou Brisa, virando-se para a Lua. Penso que vai ser bem difícil, pois estou me divertindo muito aqui.

Então, a Lua brilhou mais intensamente, pois ela viu algo que Brisa não tinha visto. Nesse momento, o velhinho subiu as escadas que conduziam a uma grande casa, abriu a porta e entrou.

A Lua, que gostava de uma brincadeira, deu uma piscada de olhos e maliciosamente disse:

- Talvez seja melhor você permanecer aqui, pois certamente está se divertindo muito. Vou procurar o seu primo.

Brisa deu um salto e respondeu:

- Sim, penso que é melhor, mas obrigado pela oferta. Até logo, disse soprando ao redor para continuar suas travessuras. Quando percebeu que o velhinho não estava mais lá, tornou-se muito brava e gritou.

- Por Deus, onde ele foi?

- Atrás daquela porta verde, no alto daquela escada, disse a Lua, com um doce sorriso. Agora você pode vir comigo.

Brisa contorceu-se com muito mau humor, mas vendo que nada podia ser feito explodiu numa gostosa gargalhada e respondeu:

Tudo bem comigo. Agora estou pronta para arreliar alguém de maneira nunca vista, e deu muitas piruetas.

- Isso é bom, disse a Lua, eu quero que você acorde a Libélula-Azul, porque a Rosa-cor-de-rosa deu a ela uma dose extra de perfume. Você deve soprar em torno dela para fazê-la tremer. Assim, talvez, seu leito macio não lhe pareça

tão confortável. Ela mora perto daqui no jardim da Senhora Brown; tenho certeza de que você já esteve lá muitas vezes.

Brisa deu uma nova gargalhada e disse:

- Sim, já estive. Eu me diverti muito a semana passada provocando aquela simpática e gorda senhora. Estou muito feliz por ter uma desculpa para voltar lá e renovar nosso relacionamento. Estarei lá em poucos minutos.

- Muito bem, disse a Lua, dirigindo-se para o Jardim.

Poucos minutos depois, Brisa soprou, toda brincalhona e indo de flor em flor, chamava:

- Libélula-Azul, onde está você?

A Lua olhou as piruetas de Brisa por alguns minutos e disse:

- É possível que eu possa dizer-lhe onde está a Libélula-Azul.

- Naturalmente que pode, replicou Brisa, enquanto dançava suavemente em volta de uma rosa, mas eu não quero que você me diga nada, pois estou me divertindo muito com esse jogo de esconde-esconde.

Depois, ela se agarrou a outra rosa que sacudiu com força, dizendo:

- O leito perfumado da Libélula-Azul está escondido no seu miolo, Rosa-Real?

- Não, a Libélula-Azul não me deu o prazer de sua companhia. Siga seu caminho, você está perturbando minhas pétalas, respondeu a Rosa-Real num tom irritado.

- Minha querida, Brisa sussurrou provocante, você parece muito mais atraente quando está irritada. Na verdade, eu preciso afrouxar suas pétalas um pouco mais, e deu-lhe uma outra sacudidela brincalhona.

- Vá embora, mal-educada, ou vou picar você, disse a Rosa-Real toda agitada.

- Minha querida, seu temperamento espinhento não pode me machucar. De fato, quanto mais você me provoca, mais eu me divirto e mais gosto de perturbar você, e Brisa sacudiu-a tanto, que sua tola dignidade desapareceu.

Brisa dançou alegremente em volta da Rosa-Real dizendo:

- Agora você parece mais uma Rosa-Real. Mas, devo ir porque se ficar com você, vou gostar muito de você e não será bom para Brisa apaixonar-se por alguém. Adeus, querida, disse Brisa airoso, enquanto continuava suas travessuras em outro lugar.

- Que companheirona gozada ela é, pensou a Lua. Talvez demore muito até ela encontrar a Libélula-Azul; acho que não foi a melhor coisa trazê-la aqui. E nem é preciso falar nos estragos que ela pode fazer. Gostaria de saber como devo agir agora.

A Lua olhou em torno do jardim para ver se encontrava alguma solução para o seu problema. De repente, viu a advogada do jardim, a Coruja Marrom, parada na porta de sua casa, no tronco oco de um velho carvalho.

- Certamente ela poderá me dar um conselho, pensou a Lua. Assim, ela disse:

- Coruja Marrom, gostaria de saber se você pode me conceder um pouco de seu precioso tempo num caso de grande importância.

Coruja Marrom apresentou-se com muita dignidade piscando seus olhos muitas vezes, com uma inclinação de cabeça, respondeu vagarosamente:

- Fico sempre, contente em servi-la, Madame Lua.

Qual é o problema?

- Obrigada, disse a Lua, tinha certeza que poderia ajudar-me. Aconteceu uma coisa terrível. A Libélula-Azul foi sugada pela Rosa-cor-de-rosa, que se tornou muito egoísta e quer mantê-la consigo. Trancou-a no seu miolo e a mantém dormindo com seu perfume.

A Coruja acomodou-se confortavelmente e fixando seus grandes olhos redondos na Lua, disse, pausadamente:

- Você fez bem em me procurar; este é um assunto muito sério, e é necessário que se pense com muita cautela. Sou realmente a figura mais indicada para lidar com um caso tão melindroso. Por favor, retire-se; preciso ficar sozinha para deliberar sobre esse acontecimento de uma forma calma e cuidadosa.

Sabendo que Coruja Marrom orgulhava-se do seu método “vagaroso, mas seguro” de pensar, a Lua agradeceu e acrescentou enfaticamente:

- Libélula-Azul tem um trabalho muito importante a fazer, e deve ser acordada na próxima meia-hora.

Aprumando-se mais, a Coruja disse:

- Por favor, não tente apressar-me, pois é contra minha natureza pensar num assunto com pressa. Estou certa de que Libélula-Azul não parou para pensar antes e entrar no miolo da Rosa-cor-de-rosa. Eu sempre disse que ela é muito precipitada, e eu...

Uma vez iniciado esse assunto, a Coruja continuaria por horas se encontrasse alguém para ouvi-la, mas, sabendo que o tempo era precioso, a Lua apressou-se em interrompê-la:

- Sim, eu sei como você se sente sobre tal assunto, Coruja Marrom, mas eu repito que se você não encontrar uma solução em 30 minutos, seu pensamento de nada adiantará, e foi embora bem aborrecida.

Com uma expressão triste em seus grandes olhos amarelos, a Coruja vagorosamente abanou sua cabeça e tranquilamente entrou em sua casa para ponderar sobre o assunto, de seu próprio modo.

Nesse momento, a Lua viu a Abelha-Mel e surpreendeu-se de vê-la a tal hora.

- Pelo amor de Deus, o que você está fazendo fora de sua colmeia? perguntou a Lua. Todas as boas abelhas devem estar em casa a essa hora da noite.

- Quieta, sussurrou a abelha. Por favor, não fale tão alto. Sei que o que você diz é verdade, mas estava tão cansada de fazer mel que resolvi brincar um pouco.

Muito séria, a Lua disse:

- O que aconteceria se a Mãe-Natureza a visse?

- Oh, por favor, não conte nada a ela, implorou a Abelha-Mel, olhando a sua volta nervosamente.

A Lua sorriu, dizendo:

- Eu nunca fui delatora, a menos que seja obrigada a isso. Mas, talvez tenha sido uma boa ideia você deixar a colmeia, pois necessito de alguém para ajudar-me e acho que você poderá fazê-lo.

- Sim, se eu puder ajudá-la ficarei feliz em fazê-lo, replicou a Abelha-Mel muito aliviada.

Então, a Lua falou-lhe sobre Libélula-Azul, acrescentando:

- Se você puder entrar nas pétalas da Rosa-cor-de-rosa e zumbir bem alto, acho que poderá acordá-la.

- Meu Deus, a abelhinha respondeu vivamente. Que criaturas estranhas são as rosas; você nunca sabe qual será sua atitude. Certamente devemos fazer algo com rapidez. A situação necessita ações e raciocínios ágeis, e eu sou a indicada para isso. Voarei já para lá e exigirei que a Rosa-cor-de-rosa solte Libélula-Azul imediatamente. Se ela recusar, eu direi a ela que nenhuma abelha irá visitá-la mais e que isso será uma grande desgraça.

E assim, ela se foi voando.

A Lua, com um olhar de desespero, a viu partir.

- Estou certa que ela não terá êxito, murmurou a Lua com tristeza. A Abelha-Mel age muito rapidamente e a Coruja muito vagarosamente; que pena que não possam ser colocadas num saco e sacudidas juntas. Só há uma coisa a fazer: devo tentar encontrar alguém para ajudar-me.

Após pensar um momento, sua face redonda brilhou com prazer.

- Que estupidez a minha, perder todo esse precioso tempo, ela exclamou. Por que não pensei no Pássaro-Amor? Ele é o único que me pode ajudar. É sempre tão charmoso e tem maneiras tão cativantes! Faz mais por manter o jardim em ordem do que qualquer outro ser.

Virando seus raios luminosos para os galhos delgados de um lindo chorão no canto do jardim, a Lua chamou suavemente:

- Pássaro-Amor, sinto muito perturbá-lo, mas há um assunto sério que necessita solução; você sempre nos ajuda tanto quando as coisas estão erradas, que achei melhor recorrer a você para ajudar-me.

O Pássaro-Amor olhou para a Lua e respondeu numa voz suave e feliz:

- Você sabe, Madame Lua, não há nada que eu aprecie mais do que desfazer uma complicação; diga-me o que aconteceu.

À medida que o Pássaro-Amor ouvia a história, um olhar tristonho surgiu em seus olhos e inclinando sua cabecinha para o lado, disse:

- Pobre Rosa-cor-de-rosa, será que ela não percebe que nunca será feliz aprisionando e guardando só para si Libélula-Azul? Eu irei lá imediatamente, conversarei com ela e vou mostrar-lhe um caminho melhor.

Então, beijando sua pequena companheira ao seu lado, e dizendo a ela onde ia, o Pássaro-Amor voou em direção à Rosa.

- Finalmente, achei quem tem todas as condições para resolver este caso, pensou a Lua, dando um grande suspiro de alívio.

Quando Pássaro-Amor chegou à Rosa-cor-de-rosa, ele pôde ouvir a Abelha-Mel que falava, zumbia e ameaçava. Mas, quanto mais barulho ela fazia, mais a Rosa-cor-de-rosa fechava suas pétalas e se recusava a ouvir. Finalmente, Abelha-Mel virou-se para a Lua dizendo numa voz desgostosa:

- Fiz tudo o que me foi possível para que a Rosa-cor-de-rosa me ouvisse. Se eu não puder fazer nada com ela, ninguém mais pode, assim penso que você é tola em perder mais tempo tentando salvar Libélula-Azul. De qualquer forma, tenho mais a fazer. Até logo, e foi embora.

- Até logo, disse a Lua. Espero que a Mãe-Natureza não a veja, acrescentou pensativamente.



Pássaro-Amor pousou num galho perto da Rosa-cor-de-rosa e começou a arrulhar suavemente. Depois de alguns minutos, a Rosa-cor-de-rosa afrouxou um pouco suas pétalas, e enviou-lhe um sopro de perfume, como saudação amiga. Pássaro-Amor não deu atenção a isso, mas continuou com seu arrulhar. Ele parecia ter um poder mágico, pois a Rosa-cor-de-rosa gentilmente abriu suas pétalas dizendo:

- Como você é charmoso, passarinho; seu canto é tão acariciante. Não entendo o que você está dizendo, mas tenho certeza de que é algo maravilhoso.

- Sim, o amor é sempre maravilhoso, respondeu gentilmente Pássaro-Amor.

- Amor! O que você sabe sobre isso? Perguntou a Rosa-cor-de-rosa numa voz desanimada.

- Muito, e isso me faz muito feliz, respondeu o Pássaro-Amor, chegando um pouco mais perto.

A Rosa-cor-de-rosa deu um profundo suspiro e sussurrou tristemente:

- Eu também era muito feliz antes de amar Libélula-Azul. Eu a preendi em meu miolo com medo de que alguém a tire de mim e, desde então, tenho sido muito infeliz.

A Rosa-cor-de-rosa deu um outro suspiro e duas gotas de orvalho caíram de seus olhos.

- Minha querida, disse o passarinho, a razão da sua infelicidade é que você tentou manter Libélula-Azul só para você mesma. Isso é algo muito egoísta e você sabe que o egoísmo roubará sua beleza, fará com que fique mal-humorada, murcha e não mais terá esse perfume delicioso para enviar a seus admiradores. Então, Libélula-Azul a abandonará. Se você aceitar o meu conselho, querida, envie Libélula-Azul de volta para o seu trabalho, pois todos devemos contribuir para manter nosso jardim bonito. Enquanto ela estiver longe, envie seu perfume mais doce e você será mais admirada, pois isso foi o que a Mãe-Natureza planejou para você. Garanto que Libélula-Azul voltará. Quando descobrir o quanto você esteve ocupada, como fez bem o seu trabalho, amará você mais do que nunca.

- É verdade? A Rosa-cor-de-rosa suspirou cheia de esperança.

- Sim, é a pura verdade, sorriu o Pássaro-Amor.

- E agora que você conhece o segredo da felicidade e como manter sua beleza, eu devo partir.

Suavemente foi embora.

Assim que a Rosa-cor-de-rosa viu Pássaro-Amor desaparecer sobre o topo das árvores, uma luz radiante brilhou em sua face. Então, desdobrando suas

pétalas muito gentilmente, deixou o ar frio da noite tocar ligeiramente o seu pequeno amor. Depois de um momento sussurrou ternamente:

- Libélula-Azul, é hora de ir para seu trabalho.

- Meu Deus, disse Libélula-Azul, sonolenta, penso que sim. Sabe, Rosa-cor-de-rosa, eu realmente acredito que você deve ter algum poder mágico, pois nunca tive um sono tão repousante.

Com um olhar de admiração, acrescentou:

- Gostaria que você soubesse como você fica linda à luz do luar e como é doce o seu perfume! Quando terminar o meu trabalho voltarei para vê-la, se você me permitir.

A Rosa-cor-de-rosa estava tão feliz que nem percebeu Brisa que, soprando em sua face, disse:

- Talvez você seja a Rosa, minha belezinha, que trancou a Libélula-Azul no seu miolo e não a deixou ir para seu trabalho. Você viu como é errado fazer isso? Continuou Brisa, dando na Rosa-cor-de-rosa uma sacudidela gentil.

- Eu não percebi o erro até que alguém me mostrou um caminho melhor, respondeu a Rosa-cor-de-rosa calmamente. Daí eu a soltei.

Brisa girou e volteou, entrando em fúria, enquanto gritava:

-Ora, fui enganada outra vez. Agora vou aprontar alguma travessura! - e esvoaçou para longe.

Quando a Rosa-cor-de-rosa viu Brisa sair em tal estado, enviou a ela seu mais doce perfume e com um olhar vivo, sorriu para si mesma, dizendo:

- Espero que o Pássaro-Amor lhe faça uma visita muito em breve, Brisa.
Tenho certeza de que isso lhe fará muito bem.

Antes mesmo que Brisa desaparecesse, surgiu a Coruja Marrom e se colocou numa árvore próxima. Dirigindo seus olhos melancólicos para a Rosa-cor-de-rosa, anunciou solenemente:

- Rosa-cor-de-rosa, ouvi dizer que você quebrou a lei do jardim tirando de seu trabalho Libélula-Azul e depois de pensar bastante, eu...

- Sei que o que você vai dizer é muito sábio, Advogada do Jardim, interrompeu Rosa-cor-de-rosa docemente, mas você está muito atrasada. O Pássaro-Amor esteve aqui antes de você. Ele me disse o que era certo fazer, de uma maneira tão bela e gentil, que eu soltei Libélula-Azul para que ela pudesse realizar o seu trabalho.

Coruja Marrom piscou seus olhos amarelos de uma forma confusa e após levar um tempo para pensar no que a Rosa-cor-de-rosa lhe dissera, respondeu numa voz desanimada:

- Todo o meu raciocínio cuidadoso foi perdido. Too... Vhoo para você.

E, batendo pesadamente as asas, voou para casa querendo saber por que alguém sempre se adiantava a ela.

A Rosa-cor-de-rosa não pôde deixar de sentir-se um pouco triste pela Coruja Marrom:

-É triste pensar que todo o raciocínio da Advogada Coruja não serve para nada, acrescentou com um olhar travesso.

Então, olhou para a Lua e enviou-lhe seu mais doce perfume, enquanto sussurrava:

- Eu dei trabalho para você, Madame Lua, mas não me sinto mal por isso. Eu sei que você adora tornar os namorados felizes, portanto, você também teve prazer em tentar nos ajudar.

Com um alegre piscar de olhos, a Lua respondeu. Você está certa, minha querida, mas lembre-se: mantenha-se ocupada, e manterá sua beleza. Boa noite, minha pequenina Rosa-cor-de-rosa.

Com um largo sorriso na sua face calma e redonda, a Lua desapareceu atrás da árvore mais alta do jardim.



FELÍCIA ENCONTRA “CAUDA CINZA”

Ellen D. Wildschut

- Perfeito, exclamou o esquilo marrom. Eu mesmo não poderia ter feito melhor.

Felícia, que estava andando na floresta, olhou para cima, com surpresa, ao ouvir a voz alta do esquilinho. Ela teve apenas tempo de vê-lo correr para cumprimentar o esquilo cinza que tinha dado um enorme pulo de uma árvore para outra.

O grande esquilo, que todos chamavam “Cauda Cinza” inclinou-se de uma maneira zombeteira para o impertinente animalzinho marrom com riscas amarelas, e pensou consigo mesmo:

- Gostaria de ver você fazer isso, amiguinho! Algum dia você se encontrará em tal apuro, que precisará de todos os seus amigos para ajudá-lo.

Entretanto, não disse nada em voz alta pois, como todos na floresta, ele sabia que Billy, o esquilo, se vangloriava de sua esperteza, apesar de, por mais estranho que possa parecer, ninguém o vira até então fazer qualquer coisa importante.

De repente, do ramo da árvore onde estava, “Cauda Cinza” viu Felícia e, por um momento, parecia que estava pronto para dar um outro salto para ir o mais longe possível. Então, fixou em Felícia um olhar espantado, pois reconheceu-a como a garotinha que ele tinha visto no pequeno vale com as fadas. Ela estava parada muito quieta, uma das mãos cheia de frutos que recolhera debaixo da árvore. Até então ela nunca soubera que as criaturas da floresta podiam falar ou, se falavam, que ela pudesse ouvi-las. (Neste momento, tenho certeza que

vocês já perceberam que Felícia era uma garotinha afortunada que viu e aprendeu coisas que muitas pessoas nunca souberam).

Muito silenciosamente, um minúsculo camundongo do campo aproximou-se dela e na voz mais baixinha que você pode imaginar, guinchou:

- Por favor, não faça um mau juízo de Billy. Ele é ainda muito pequeno e não sabe muita coisa, mas realmente gostaríamos que ele não se metesse na vida dos outros.

A Senhora Camundongo suspirou um pouco e continuou:

- Ele mete o nariz em todas as nossas coisas, de maneira que tentamos ficar longe dele. Ele conta para todo mundo quando estou construindo um novo ninho, e oh! como fofoca quando “Cauda-Cinza” visita a bela senhorita esquilo por aí.

Então, ela olhou para Felícia e perguntou:

- Quem é você? Parece muito grande para caber em nossas casinhas.

A garotinha sorriu e explicou que morava numa grande casa fora da floresta e que estava visitando a floresta com seus amigos.

- Você pode ouvi-los dando risada, acrescentou.

- Oh! exclamou a Senhora Camundongo, nervosa. Espero que não venham até aqui. São muito barulhentos.

Enquanto isso, “Cauda-Cinza”, que estivera escutando Felícia e a Senhora Camundongo, decidiu juntar-se a elas, desceu da árvore e sentou-se perto. Ele enrolou sua bela cauda farta ao redor de seu dorso e olhou para Felícia com olhos brilhantes. Os olhos escuros de Felícia dirigiram-se a ele, em amigável admiração, enquanto pensava:

- Meu Deus, ele é tão formoso e em voz alta comentou: a Senhora Camundongo me disse o seu nome, tentando fazer com que sua voz fosse tão fraca e gentil quanto possível, de maneira que não assustasse as criaturinhas.

Alguns lagartos passaram sem prestar atenção no que acontecia, e as folhas secas ao pé da árvore sussurravam enquanto eles passavam.

- Eu já sei o seu nome, disse “Cauda-Cinza” para Felícia. Eu estava no vale das fadas, quando Brenda deu seu longo gorro verde para você.

- Eu não o vi; onde você estava? Ela perguntou.

- Oh, em cima de uma árvore, de onde podia ver tudo. Nunca pensei, que alguma vez fosse falar com você aqui, acrescentou o esquilo.

- Você gosta de pinhas? Felícia estendeu para “Cauda-Cinza” a mão cheia dos frutos que juntara.

- Gosto mais de nozes e avelãs, respondeu ele, mas essas também são boas quando se está com fome. E continuou: você sabia que as sequoias são as maiores árvores de folhas perenes e são as que têm os menores frutos? Sim, disse com um sorriso divertido, tamanho é uma coisa muito ilusória. Por exemplo, algumas vezes, os maiores oradores nada dizem.

Felícia e a Senhora Camundongo entreolharam-se como se ambas soubessem que “Cauda-Cinza” estava pensando em Billy.

Enquanto o esquilo, que parecia ser um animal muito esperto estava falando, outros camundongos aproximaram-se e corriam em volta, cheirando aqui e acolá, mas não se atrevendo a aproximar-se muito. Felícia perguntou à Senhora Camundongo o que eles queriam.

- Eles estão sentindo o cheiro da comida que você tem, ela respondeu.

- Oh, eu não tenho nada aqui para eles comerem, disse a garotinha, muito surpresa.

- Oh, sim, você tem, e eu vou mostrar-lhe onde respondeu, a Senhora Camundongo, enquanto bravamente subiu no colo de Felícia e entrou no bolso de seu avental, de onde retirou algumas migalhas de pão.

O olhar espantado de Felícia fez a Senhora Camundongo e “Cauda-Cinza” morrerem de rir - à maneira deles, naturalmente.

- Quase esqueci que tinha um sanduiche no meu bolso, mas todos vocês sabiam! exclamou a garotinha.

- Isso não é novidade para nós, disse “Cauda-Cinza”, nós temos um senso muito aguçado do olfato, o que nos ajuda a encontrar comida.

Felícia meditou:

- Eu nunca imaginei que uns pedacinhos tão minúsculos de comida pudessem ser úteis para alguém.

Ela prometeu a seus amiguinhos que nunca mais desperdiçaria até mesmo o menor pedaço de comida, e disse-lhes que, no inverno, colocaria comida no seu jardim, para os passarinhos.

- Cuidado para não a colocar onde os gatos possam pular sobre os passarinhos! Lembrou ‘Cauda Cinza’.

- Tudo bem, ela concordou, e antes de ir embora vou esvaziar todas as sobras da cesta de piquenique para vocês.

Os camundongos franziram seus narizes pontudos com satisfação, enquanto o esquilo gentilmente abanou sua cauda, em agradecimento. Felícia disse a Senhora Camundongo que voltaria brevemente para revê-los.

- Tudo bem, Felícia, o esquilo e o camundongo disseram juntos, estaremos aguardando você.

- Mas, como vocês saberão que virei? ela perguntou.

- Oh, isso é fácil, riram os animais. Billy está sempre por dentro de tudo, você sabe.

Não muito tempo depois, Felícia voltou e aproximou-se da árvore sequoia, trazendo consigo uma sacola grande com restos de alimentos. Para os passarinhos ela trouxe pão, que eles tanto gostavam.

Ela sentou-se e imediatamente um tímido som perto dela anunciou a presença da Senhora Camundongo.

- Oh, meu Deus! Exclamou Felícia, ela trouxe todos os seus parentes. Bem, de qualquer forma, tenho o suficiente para eles.

Um alegre assobio veio da árvore e "Cauda-Cinza" chegou, seguido por alguns de seus amigos, enquanto um bando de passarinhos já estava esperando nos galhos.

Felícia espalhou parte da comida, guardando alguma para os atrasados. Os pequenos animais e os passarinhos começaram a comer. Por alguns minutos, só se podia ouvir o barulho das mordidas. Então, um pequeno grito agudo os assustou. Os animais pararam de comer, pois todos perceberam que Billy deveria estar em grandes apuros, ali por perto. A garotinha ficou de pé, esparramando o resto da comida e perguntou ansiosamente.

- Onde ele está!

- Lá, respondeu "Cauda-Cinza", que já estava a meio caminho do esquilo.

Felícia e o resto chegaram a ele num segundo e, com seus olhos atônitos, viram Billy, suspenso numa corda grossa que estava amarrada fortemente em volta de seu corpo, no topo de um fino galho de uma árvore, mais ou menos a meio metro do chão. Lá estava ele pendurado, agitando seu traseiro e sua cauda, desesperadamente, num terrível esforço para libertar-se. Felícia sentiu muita pena do animalzinho que continuava a guinchar na sua vozinha fina, mas “Cauda-Cinza” o advertiu severamente para ficar quieto, que eles o ajudariam.

A garotinha inclinou-se imediatamente com suas mãos já estendidas para afrouxar o laço, mas o “Cauda-Cinza” deu um beliscão na sua perna. Ela parou surpresa, mas imediatamente ele pediu a ela que se abaixasse de maneira que pudesse sussurrar algo em seu ouvido.

- Desculpe-me por mordê-la, Felícia, mas eu precisava detê-la imediatamente. Por favor, não ajude Billy, ele continuou em voz baixa. Todos nós sabemos que você pode livrá-lo, mas ele vai pensar que tudo é muito fácil e não vai aprender esta lição. Nós precisamos fazê-lo entender como ele foi tolo e como isto poderia ter sido muito mais sério e perigoso para ele.

Então, Felícia entendendo que ele estava certo, afastou-se para deixar-lhe o trabalho de libertar Billy. “Cauda-Cinza” ficou apoiado em suas pernas traseiras e começou a roer a corda em torno do esquilo que chorava. Muitos dos camundongos, com seus dentes afiados, começaram a roer o galho da árvore, até que ele caiu ao solo. Então, foi mais fácil para o esquilo roer a corda. De repente, ela cedeu e Billy caiu ofegante, mas livre!

Billy, disse "Cauda-Cinza" numa voz muito severa, o que você andou fazendo para cair na armadilha? Você já foi advertido muitas vezes sobre isso.

Billy tentou dizer alguma coisa, explicando que tinha visto o laço quando se dirigia à festa de Felícia e decidiu dar um salto direto através dele. Mas perdeu

o alvo, de maneira que, quando tocou a corda, ela o prendeu e, ao mesmo tempo, o galho subiu.

- O-o-o-h! Estou com uma terrível dor de barriga, lamentou-se.

- Bem, você tem sorte de ter somente uma dor de barriga, resmungou “Cauda-Cinza”, que estava realmente irritado com o esquilo bobo. Levaremos você para casa e lhe daremos comida até que seja capaz de sair sozinho.

Os esquilos ajudaram a carregar Billy, enquanto Felícia se despedia dele; mas ele sentiu-se muito infeliz para responder.

A Senhora Camundongo dirigiu-se a garotinha dizendo:

- Não se preocupe com Billy. Ele estará bom em alguns dias - talvez mais esperto, também. Volto para vê-la novamente.

Ela mexeu seu longo rabinho fino, já que não podia dar as mãos à sua amiguinha, e esgueirou-se atrás de Cauda-Cinza”, através dos pinheiros.

Felícia parou um momento, até que não mais se ouviu o som dos minúsculos pés se movimentando e, muito pensativa, voltou para casa.



O LAGO ENCANTADO

UM CONTO DO FOLCHLORE DO ORIENTE

Mary-Abby Proctor

Uma vez, há muito, muito tempo atrás, havia um rei que estava sempre em guerra. Ele conquistou seus vizinhos, depois partiu para a conquista de terras mais distantes, até que chegou a governar tantos países e tanta gente que foi chamado “O Grande imperador”.

Todo mundo o adulava. Recebia presentes maravilhosos. Diziam-lhe como era nobre, grande, maravilhoso e, de tal forma, que ele acreditou que era tudo isso e frequentemente dizia para si mesmo: “Ninguém na Terra ou nos Céus é maior do que eu!”

Isso era uma afirmação muito forte para um simples ser humano fazer, pois mesmo a pessoa mais sábia e mais importante nesta Terra não pode saber tudo, nem governar sobre tudo na Terra e nos Céus.

Um dia, esse grande e poderoso Imperador saiu para uma caçada com os membros da corte. Todos estavam soberbamente vestidos e montavam seus belos cavalos que dançavam e saltavam. Os cães também pulavam e latiam alto. As cornetas soavam e assim o alegre grupo saiu para o campo e para a floresta.

O Sol brilhava intensamente e, após algumas horas, todos estavam exaustos com a caçada e exauridos com o calor do dia. Então, o grande e poderoso Imperador disse a seus cortesãos para que descansassem debaixo das árvores, enquanto ele iria banhar-se num belo lago ali perto. Os cortesãos ficaram assustados porque o Imperador ia banhar-se nesse lago. Era um lago

encantado e as pessoas não se arriscavam a entrar nele e até mesmo se uma simples gota dessa água mágica caísse sobre elas, ficavam aflitas e apreensivas.

Quando foi avisado dos perigos do lago encantado o grande e poderoso Imperador disse orgulhosamente:

-Sou mais poderoso que qualquer encanto.

Imediatamente dirigiu-se para a bonita margem arenosa. Seu cavalo foi amarrado a uma árvore, sua maravilhosa roupa cuidadosamente arrumada à beira do lago. Então, sob suas ordens, seus guardas o deixaram. Ele mergulhou na água e deliciou-se com o seu frescor. Nadou pelo lago e sentiu-se muito bem. Em nenhum momento, entretanto, esqueceu-se que era o grande e poderoso Imperador.

Enquanto divertia-se, surgiu a beira do lago um homem que se parecia muito com o grande e poderoso Imperador. De fato, ele era quase seu sócio, não somente na aparência, mas também na voz e nos modos. Este homem vestiu-se rapidamente com as roupas do Imperador. Os guardas de Sua Majestade estavam dormindo profundamente na sombra refrescante. Nenhum deles viu esse homem vestir as roupas do Imperador, pegar seu belo cavalo e nem mesmo os cães de caça latiram! Acordou todos, ordenando a volta ao palácio.

Descansado e refeito, o grande e poderoso Imperador nadou até o lugar onde suas roupas foram estendidas em ordem, pomposamente. Mal conseguiu acreditar no que estava vendo! Sua roupa não estava mais lá! Seu cavalo não estava mais lá! Nada de roupa! Nada de cavalo! Que ultraje! Alguém seria punido severamente!

- Meus homens, chamou furioso.

Nenhum som em resposta ao chamado do grande e poderoso Imperador!

A essa altura, o Sol já desaparecia por detrás das montanhas. Estava ficando frio. O Imperador andou pelas margens do lago. Logo escureceu. Não via ninguém. Evidentemente os caçadores foram embora e o deixaram - deixaram o grande e poderoso Imperador! Realmente alguém pagaria por isso. Apenas esperassem até que ele chegasse a seu palácio e sentasse em seu trono!

O grande e poderoso Imperador decidiu que a coisa mais importante, agora, era encontrar roupa e abrigo. Ele lembrou-se que não muito longe do lago morava um cavaleiro.

- Não fui eu que o tornei cavaleiro e lhe dei seu esplêndido castelo? Ele ficará, muito feliz em vestir e servir seu Imperador. Irei até ele.

Antes de se dirigir ao cavaleiro, o Imperador teceu, em forma de esteira, algumas das hastes que cresciam à margem do lago. Amarrou a esteira ao redor de seu corpo. Dirigiu-se ao castelo do cavaleiro. Apesar de ser uma curta jornada, foi muito dolorosa. As pedras pontiagudas cortavam seus pés. As raízes espetavam sua carne. Os galhos das árvores atingiam seus longos cabelos, emaranhando-os. Era uma experiência desagradável para um grande e poderoso Imperador! Muitas vezes, ele jurou que alguém pagaria por isso quando ele estivesse novamente em seu palácio e sentasse em seu trono.

O Imperador chegou ao castelo. Bateu nos portões. Chamou o porteiro que finalmente veio e olhando pela janelinha do grande portão, perguntou:

- Quem está aí?

- Abra o portão, ordenou o Imperador, e você verá logo quem eu sou. E ele encheu-se de orgulho.

Quando o portão se abriu e o porteiro colocou sua cabeça para fora, perguntou:

- Quem é você?

Muito desgostoso, o grande e poderoso Imperador gritou:

- Infeliz! Eu sou seu Imperador!

- Oh! Oh! fez o homem, rindo muito.

- Infeliz! Infeliz! Vá ao seu patrão, ordenou o Imperador. Diga-lhe que me traga roupa. Diga-lhe para vir saudar seu grande Imperador!

- Imperador!, zombou o porteiro. O Imperador esteve aqui com meu patrão há uma hora atrás. Veio da caçada com sua corte. Oh, sim! Chamarei o meu patrão. Mostrarei a ele um grande e poderoso Imperador!

O porteiro bateu o portão na cara de Sua Majestade. Em seguida, ele voltou com o cavaleiro e, apontando para o homem nu, disse:

- Lá está o Imperador, olhe para sua Majestade!

O orgulhoso e poderoso Imperador exclamou em seu tom mais orgulhoso e poderoso:

- Chegue perto e ajoelhe-se diante de seu Imperador, senhor cavaleiro.

O cavaleiro pareceu surpreso enquanto o Imperador acrescentou:

- Eu - Eu, o Imperador, o tornei cavaleiro. Eu lhe dei este castelo. Agora eu lhe dou a maior graça de poder vestir o seu Imperador com suas vestimentas.

- Mentiroso! Impostor! Saia! gritou o cavaleiro. Saiba que não faz uma hora que o grande e poderoso Imperador sentou-se à minha mesa.

O cavaleiro ficou cada vez mais enraivecido e ordenou:

- Batam nesse homem! Tirem-no daqui!

Como o porteiro riu enquanto os servos batiam no pobre homem!

- Batam bem! ele mandou. Não é todos os dias que se pode dar uma surra em um Imperador.

O grande e poderoso Imperador saiu coxeando, sentindo-se ferido e sangrando.

- Ingrato! Eu lhe dei tudo o que tem. Veja como ele me retribui! Espere, ah, espere até que eu volte ao meu trono! Ele será severamente punido!

Então, começou a perceber que as circunstâncias eram muito desagradáveis para ele.

- Agora, aonde vou? O que devo fazer? Ah! Irei ao Duque! Eu o conheço há muito tempo. Com ele fui a festas e a caçadas. Sim! O Duque estava na minha comitiva de caça de hoje! Certamente ele reconhecerá o seu Imperador!

Enquanto tropeçava pelo caminho, o Imperador começou a pensar - realmente a pensar. Perguntou-se por que seus súditos não o conheciam. Sua realeza, suas grandezas deveriam ser reconhecidas mesmo se não estivesse em trajes reais.

De repente, ouviu o som de uma voz bem em seu ouvido! O poderoso Imperador assustou-se. Olhou ao seu redor! Não viu ninguém. Mesmo assim a voz lhe dizia:

- A verdadeira grandeza é humilde. Ela não se proclama, mas é como o Sol. Não pode ser coberta. A verdadeira grandeza dá àquele que a possui, uma grande beleza - beleza que nenhum trono, nenhuma coroa, nenhum aparato real pode conferir.

A voz continuou:

- Sabedoria e nobreza não podem ser distinguidas pela falta de roupas, nem pela sujeira e ferimentos. Por outro lado, qualquer tolo, com um trono, uma coroa, um palácio e aduladores, pode parecer um príncipe.

O grande e poderoso Imperador dirigiu-se a mansão do Duque. Mas não tinha tanta certeza, como antes teve, de que seria bem recebido quando bateu nos portões. A terceira batida, o portão abriu-se e o porteiro viu um homem vestido somente com uma esteira de galhos, seu cabelo era um emaranhado só e seu corpo estava arranhado e sangrando.

- Chame o Duque, eu lhe rogo. Diga-lhe que o Imperador está aqui. Diga-lhe que roubaram o cavalo e a roupa de seu Imperador. Vá depressa! Eu o ordeno!

O atônito porteiro fechou o portão e correu ao seu patrão.

- Excelência, há um louco nos portões! Ele está nu. Está ferido, sujo e bravo. Ele me ordenou dizer-lhe que é o Imperador.

Os portões se abriram. Sua Excelência, o Duque, não reconheceu o Imperador!

- Você não me conhece? Sou o Imperador. Esta manhã você foi à caça e deve lembrar-se que o deixei para banhar-me no lago. Enquanto eu estava no lago, um miserável roubou minha roupa e meu cavalo. E eu – eu - eu apanhei de um cavaleiro!

Seria possível que a voz do grande e poderoso Imperador estivesse trêmula? Certamente parecia menos soberba do que de costume.

- Ponha esse homem na prisão! Não é seguro deixar livre esse louco, ordenou o Duque ao porteiro e acrescentou: Dê pão, água e um estrado para deitar.

- Estranho, estranho, murmurou o Duque dirigindo-se a seus convidados no grande saguão. Um louco nos portões! Ele deveria estar na floresta esta manhã, enquanto descansávamos, pois disse-me ser o Imperador que nos deixou para banhar-se no lago e que alguém lhe roubou sua roupa e seu cavalo. Mas vocês sabem que o Imperador voltou conosco.

Todos eles falaram sobre esse estranho homem. Alguns murmuraram:

- O lago, o lago encantado!

Ainda assim não parecia possível que algo tivesse acontecido ao Imperador, pois eles o viram há menos de uma hora atrás.

O grande Imperador estava acorrentado numa cela escura. Ele estava magoado e ferido.

- Esperem, esperem, até eu voltar ao meu trono! Darei uma lição a esses velhacos.

No entanto, o poderoso Imperador sequer sonhava que era ele próprio, o grande monarca, que estava aprendendo a mais sublime lição de sua vida.

- Será que estou tão mudado que nem o Duque me reconheceu?

Então, seu pensamento dirigiu-se ao palácio.

- Há alguém que me reconhecerá! Vou até ela!

Depois de muito esforço, as correntes afrouxaram-se e o infeliz homem saiu de sua cela e encaminhou-se para o seu próprio palácio. Ao amanhecer, ele estava nos portões do palácio. O grande Imperador ergueu sua mão e bateu - bateu em seus próprios portões!

O porteiro abriu e olhou para aquele homem de aspecto selvagem e que estava nu.

- Quem é você? O que você quer?

- Deixe-me passar! Sou seu Senhor, sou o seu Imperador.

- Você, meu Senhor! Você, o Imperador! Pobre tolo. Olhe ali.

O porteiro abriu os portões e apontou para o saguão. Lá estava o Imperador, sentado no seu trono. A seu lado estava a Rainha - sua amada Rainha! Oh, que agonia ele sofreu!

- Deixe-me ir até ela! Ela me conhecerá!

O barulho feito pelo porteiro e pelo Imperador chegou ao grande saguão onde havia uma festa com muitos convidados. Os nobres vieram ver o que estava acontecendo. Atrás deles vinham a Rainha e o Imperador.

Ao ver aqueles dois, era tanta a sua raiva, medo, ciúme e ansiedade que mal podia falar; mas roucamente gritou:

- Sou seu Senhor e marido, estendendo sua mão para sua amada Rainha.

Certamente você me conhece!

A Rainha afastou-se apavorada.

- Senhores, disse o homem que estava com a Rainha, que deve ser feito com esse infeliz?

- Mate-o, disse um.

- Bata-lhe! gritavam outros.

O grande e poderoso Imperador foi escorraçado do palácio; cada um lhe dava uma pancada quando passava. Os portões de seu próprio palácio se fecharam atrás dele. Ele fugiu. Não sabia para onde ir. Vagarosamente dirigiu-se para o lago onde havia se banhado. Tinha frio, fome, estava ferido; queria estar morto. Ajoelhou-se no chão e bateu em seu peito. Colocou sua cabeça no solo e exclamou:

- Eu não sou nenhum grande e poderoso Imperador. Eu não sou nenhum Imperador maravilhoso. Uma vez, pensei que não havia ninguém mais poderoso do que eu na Terra e nos Céus. Agora sei que nada sou - um pobre pecador. Não há ninguém tão pobre, tão humilde quanto eu! Deus me perdoe pelo meu orgulho.

As lágrimas corriam de seus olhos. Ele levantou-se e foi lavar sua face nas águas lípidas do lago encantado. Ele se virou. Lá estavam suas roupas! Lá estava seu belo cavalo, comendo a grama verde e macia!

Sua Majestade vestiu-se rapidamente. Montou seu cavalo e em seguida dirigiu-se ao seu palácio. Quando se aproximou, os portões se abriram de imediato. Os servos chegaram, um segurou seu cavalo, outro ajudou-o a desmontar. O porteiro se curvou, enquanto disse:

- Eu me admiro, Majestade, pois não o vi passar pelos portões.

O grande e Poderoso Imperador entrou. No magnífico saguão, ele viu novamente os nobres, a Rainha com o homem a seu lado, o homem que se intitulara Imperador. Os nobres não olhavam para esse homem, nem a Rainha também. Eles viram apenas o seu Imperador entrar no saguão e foram

cumprimentá-lo. O homem também veio. Ele estava vestido de branco, com roupas brilhantes, não em roupas régias.

O Imperador inclinou sua cabeça para esse homem e murmurou:

- Quem é você?

- Sou o seu Anjo da Guarda, respondeu ele. Você era orgulhoso e colocava-se somente nas alturas. Era preciso que você, fosse "trazido para a realidade. Mas o reino, que eu guardei para você, é-lhe devolvido agora, porque aprendeu a ser humilde. Só os humildes são capazes de governar e você, daqui por diante, saberá governar com sabedoria.

O Anjo desapareceu. Ninguém mais ouviu sua voz. O Imperador sentou-se novamente em seu trono, e governou mais sabiamente do que nunca e foi muito amado por seu povo.



A ALMA DE BILLY

Helen Boyd

Desde quando podia se lembrar, a corcunda sempre estivera ali. Uma vez, ele perguntou à sua mãe sobre isso, mas ela apenas o pegou nos braços e disse:

- Filhinho, Filhinho, a mamãe te ama do mesmo modo.

Naturalmente Billy estava contente porque sua mãe o amava, mas queria encontrar alguém que lhe dissesse alguma coisa sobre a sua corcunda. Havia tantas, tantas perguntas que gostaria de fazer!

- Talvez, ele sussurrou para o seu cachorrinho, talvez os Anjos me deixaram cair quando me trouxeram para cá. O que você acha disso, Bob?

Mas o pequeno Bob apenas abanou seu rabinho e piscou seus olhos preguiçosamente, como que dizendo:

- É realmente uma pergunta muito grande para ser respondida por um cachorro tão pequeno como eu e então Billy viu que não podia obter qualquer informação.

Um dia, quando estava sentado no jardim em sua pequena cadeira de rodas, ele notou uma rosa particularmente bela. Quando ele se inclinou e a acariciou com seus dedinhos finos, murmurou sonhadamente:

- Desejaria saber se as flores têm alma, como as pessoas.

- Naturalmente que temos.

Ele ficou atônito ao ouvir essa voz e, apesar de olhar para todos os lados, não viu uma única pessoa.

- Estou aqui, disse a voz alegremente.

Desta vez Billy olhou direto para a rosa e ficou surpreso ao ver uma fadinha muito delicada espiando de uma de suas pétalas.

- Quem é você?, perguntou Billy com seus olhos muito arregalados.

- Sou a alma desta rosa, respondeu a fada com um ar gracioso.

- E todas as flores têm alma, também? Perguntou Billy, um tanto surpreso.

- Naturalmente, disse a fada prontamente. Eu pensei que todos soubessem disso.

De repente, Billy lembrou-se da corcunda e rodando sua cadeira para aproximar-se mais da fada disse ansiosamente:

- Oh, você acha que poderia me falar sobre esta aqui o garotinho engoliu em seco, essa corcunda? Porque eu a tenho?

Por um momento, houve um silêncio no jardim, então, a fada disse muito vagarosamente e com firmeza:

- Tudo tem um propósito, você sabe.

- Mas eu não a quero, persistiu Billy. Parece inútil tê-la já que não tem a menor utilidade, ele continuou numa vozinha lamentosa e, além do mais, não posso brincar e me divertir como os outros meninos.

- Não sei se poderei fazer algo por você ou não, disse a fada. Entretanto, convocarei uma reunião de outras fadas para hoje à noite e decidiremos sobre isso.

-E você lhes dirá que quero ficar reto e forte como os outros meninos? disse Billy em tom tenso.

A fada meneou sua cabeça e disse:

- Esteja aqui amanhã à tarde e eu lhe darei a resposta.

Então, as pétalas da rosa se fecharam e a pequena criatura perdeu-se de vista.

Nesse momento, alguns visitantes chegaram ao jardim e, ao ver Billy, uma bela menina murmurou:

- Que horror!

Ela não queria que Billy ouvisse as suas palavras, mas ele as ouviu e, mais tarde, quando sua mãe foi buscá-lo, ele era apenas um ser frágil de sentimentos feridos.

- Meu Deus, filho! ela exclamou. Você não deve chorar tanto. Veja - isso me torna infeliz.

- Mas..., mas... ela olhou para mim horrorizada, mamãe, e, soluçando em seus braços, contou-lhe o caso como se passou.

- Veja, filho, disse sua mãe calmamente. Seu corpo é somente a casa onde você mora. É sua alma que está dentro dele, o que tem realmente valor.

Então, a face de Billy iluminou-se porque lembrou-se da fada e, durante o trajeto para casa, permaneceu murmurando:

- Amanhã eu saberei - amanhã eu saberei.

Quando sua mãe o colocou na cama aquela noite, ela se admirou ao ver o rosto feliz e em paz de Billy. Quando se inclinou para beijá-lo, disse ternamente:

- O que fez meu garotinho tão feliz esta noite?

E Billy murmurou sonolento:

- É um segredo, mãezinha querida – talvez amanhã, e sua voz arrastou-se e ele entrou na terra dos sonhos.

No dia seguinte, ele estava completamente excitado. Mal podia esperar chegar a tarde de tão ansioso que estava para rever a fada. Quando sua enfermeira o colocou na cadeira de rodas, notou suas faces avermelhadas e disse, muito solene:

- Realmente espero, Billy, que você não vá pegar alguma doença.

- Oh, estou bem, enfermeira, respondeu Billy, seus olhos brilhando. Mas gostaria que você se apressasse.

Então, indicou a ela onde gostaria que colocasse sua cadeira.

Assim que a enfermeira desapareceu dentro da casa, Billy exclamou suavemente:

- Estou aqui, fada-rosa e, no instante seguinte, a face da fada apareceu espiando através das pétalas.

- O que elas disseram? começou Billy ansiosamente.

- S...- sh, murmurou a fada. A Rainha decidiu fazer uma reunião aqui no jardim e aqui está ela agora.

Olhando para cima, Billy viu uma fada descendo pelo jardim. Estava vestida com uma roupa brilhante que resplandecia quando ela andava. Parou em frente a cadeira de Billy e disse:

- É você o garotinho que quer se tornar saudável e forte?

Billy aquiesceu, muito emocionado para falar.

A Rainha, então, sacudiu sua varinha sobre o jardim e imediatamente pequeninas faces surgiram de todas as flores.

- Ouçam, fadas, comandou a Rainha. Aqui está um garotinho que quer ser reto e forte. Quando as fadas começaram a falar, ela levantou sua varinha e disse:

- Esperem! Deixem que ele fale por si mesmo.

Billy sentiu-se um tanto tímido de ser o centro de tantas atenções, mas sabia que elas estavam esperando e começou:

Eu - eu quero ser como os outros meninos, de maneira que possa jogar os seus jogos. Além do mais, se eu não tiver uma corcunda, as pessoas não olharão para mim e dirão, 'Que horror!' Por favor, fadas, chorou Billy suplicando, tirem-me a corcunda!

As fadas falaram entre si por algum tempo e, apesar de Billy ouvir com atenção, não conseguiu entender uma única palavra do que elas diziam.

Por fim, houve um silêncio e então a Rainha disse:

- Billy, temo que não conseguiremos tirar-lhe a corcunda, mas nós o ajudaremos a construir uma alma tão bela que as pessoas o amarão em qualquer lugar que for - por você mesmo, e esquecerão completamente sua corcunda.

Naturalmente, Billy estava desapontado - amargamente desapontado. Ele escondeu seu rosto por algum tempo, pois sabia que estava banhado de lágrimas e sentia-se um pouco envergonhado de deixar que as fadas vissem que tinha chorado.

A fada Rainha continuou:

- E nós lhe daremos uma imaginação tão maravilhosa, que você será capaz de fazer jogos que outros garotos nem podem imaginar. E, toda vez que quiser, poderá entrar na “Terra do Faz-de-Conta” e ter as maiores aventuras lá. Veja, essa terra é feita para meninos como você. A porta está fechada para crianças fortes e saudáveis.

De repente, Billy sentiu uma maravilhosa paz descer sobre ele e sentiu-se muito, muito feliz. Quando ergueu sua cabeça, descobriu que a Rainha e todas as fadas tinham desaparecido e que sua enfermeira estava chegando.

- Meu Deus, Billy - ela exclamou atônito, você parece tão diferente!

- Eu pareço diferente e estou diferente, querida enfermeira, respondeu Billy docemente enquanto se inclinava em sua cadeira. De hoje em diante, eu serei o menino mais feliz na face da Terra.

No seu rosto resplandecia uma expressão doce, estranha, que só possuem os que já sentiram a realidade das coisas sagradas.



AS ONDINAS*Patsey Ellis*

Você já viu as ondinas

Dançarem entre os canaviais e os chorões?

Você já ouviu suas risadas

Quando estão nas ondas que se elevam em borbotões?

Algum dia, você encontrará uma ondina

Nas águas da chuva, escondida –

E a verá saindo de uma bolha

Se você olhar com uma força decidida!

☆☆☆☆☆☆

O PEQUENO PRÍNCIPE

Florence Barr

Muito acima do topo das árvores e das nuvens fofas, sim, muito além do céu azul, há muito tempo, habitava um Rei. Seu reino era muito extenso e seus habitantes eram tão felizes que esse lugar era chamado o Reino da Felicidade. Doces acordes de música e delicadas cores do arco-íris flutuavam no ar nessa terra distante. Então, um dia pareceu que uma nota dissonante tinha soado. O Rei ouviu-a e o som murmurante da discórdia chegou mais perto. Assim, o Rei chamou um pequeno príncipe e disse:

- As crianças da Terra parecem não ter corações felizes e a luz do amor está se tornando escura. Alguém deve ir até essas crianças e levar-lhes uma nova luz de amor.

- Oh, Pai, deixe-me ir, disse o pequeno Príncipe.

Isso agradou o Rei. Ele sabia que não seria tarefa fácil e disse:

- Você está pronto para ir, meu filho? Está escuro no Mundo da Terra e, às vezes, será difícil acender a luz do amor.

- Sim, Pai, eu estou pronto para ir quando você me enviar, disse o Príncipe.

Então, o Rei chamou um de seus mensageiros do Reino da Felicidade e participou:

- Meu filho, o pequeno Príncipe, vai empreender uma longa jornada, em uma terra muito distante. Deixe tudo pronto para sua visita às crianças da Terra.

Os mensageiros do Rei conversaram entre si e logo grandes preparativos foram feitos para a partida do Príncipe.

Numa vila, no Mundo da Terra, morava uma jovem mulher muito linda. Ela morava numa pequena casa circundada por um jardim. Frequentemente, ela sentava-se no jardim e lia. Os passarinhos voavam ao redor dela e, algumas vezes, uma pomba branca pousava em seu ombro e arrulhava para ela. Maria era o nome da jovem mulher; ela tinha sempre maneiras gentis e um doce sorriso. Quando ela ia até à vila praticando ações bondosas, tornava muitas pessoas felizes e todos a amavam.

Nessa terra havia um rei que governava de um modo muito cruel. Ele realmente tornava seu povo infeliz. Seu reino era muito diferente do Reino da Felicidade. Havia tantas pessoas infelizes e o coração de Maria entristecia-se. Ela não gostava de ver os outros sofrerem, queria que fossem felizes e corajosos.

Havia uma história da qual Maria gostava particularmente e, por isso, lia-a repetidas vezes. Nela, o Rei do Reino da Felicidade prometia enviar o Príncipe da Paz para salvar as crianças da Terra. Maria muitas vezes conversava com o Rei, seu Pai Celestial e dizia-lhe que esperava a vinda do pequeno Príncipe. Um dia, após conversar com o Rei, sentiu-se muito feliz. Começou a cantar e seu coração sentiu-se muito leve e muito alegre. Ela pensou que pássaros cantavam mais docemente e até o Sol brilhava com mais intensidade. Parecia haver mais luz no jardim e, então, bem em frente dela, circundado das belas cores do arco-íris, apareceu um Anjo. O Anjo falou a Maria e disse-lhe que o seu Pai Celestial iria manter a Sua promessa para as crianças da Terra e enviaria à Maria, o Príncipe da Paz, para que ela O amasse e cuidasse d'Ele.

Vocês podem imaginar como a adorável Maria ficou feliz! À noite, quando seu marido chegou à casa, ela contou a visita do Anjo e José também ficou muito feliz. Assim, eles começaram a planejar a vinda do pequeno Príncipe.

Nos tempos antigos, as pessoas pagavam impostos, como também o fazem hoje. Uma tarde, José chegou à casa e disse:

Maria querida, precisamos ir a Belém pagar nossos impostos.

Então, ambos se puseram a caminho. Maria viajava em um burrico e José caminhava ao seu lado. Estavam tão felizes com a vinda do pequeno Príncipe, que falavam tão e todo o tempo sobre isso.

Depois de uma longa e cansativa jornada chegaram a Belém. José acomodou Maria o mais confortavelmente que pôde e depois foi procurar um quarto numa hospedaria. Ele tinha andado muito e quando voltou disse a Maria:

- Querida, não há nenhum quarto por aqui. Não há nada além do estábulo onde o gado é mantido. Mas é bonito e limpo.

E Maria disse:

- Está tudo bem, José querido, eu não me importo. Nós estaremos confortáveis e estou tão cansada que irei rapidamente dormir.

Assim, eles se dirigiram para o estábulo. As vacas mugiram como se estivessem dando-lhes as boas vindas, e seus olhos suaves e gentis pareciam mostrar prazer com a vinda de José e Maria.

Numa leve cama de capim fresco e cheiroso, Maria se instalou, sentindo-se feliz. Ela agradeceu a seu Pai Celestial pela Sua maravilhosa promessa e, então, dormiu.

No Reino da Felicidade, os Anjos estavam ocupados preparando o pequeno Príncipe para a jornada no Mundo da Terra. Um Anjo levantou-O gentilmente e O carregou, dizendo:

Vá, linda criança, e leve uma mensagem de amor e felicidade para as crianças da Terra. A luz do amor está no seu olhar e nunca será ofuscada. A centelha de luz que brilha no seu coração se tornará cada vez mais intensa.

E o Rei estava feliz e disse:

Meu Filho, você tem um grande trabalho a fazer para tornar mais brilhante a luz do amor num mundo escurecido. Eu O abençoo, meu Filho.



Do Reino da Felicidade até a Terra formou-se uma Ponte de amor e através dela o Anjo carregou o Príncipe Celeste. Os Anjos Cantores e os Anjos de Luz o acompanhavam. Uma música angelical, doce e clara, se ouvia pelo ar. Logo todas as hostes celestiais davam louvores a Deus e cantavam:

- “Glória a Deus nas alturas, paz na Terra e boa vontade entre os homens”.

Após chegar à Terra, a luz brilhante de uma linda Estrela guiou o Anjo à Maria. Quando o Anjo lhe entregou o pequeno Príncipe, ele disse:

- Guarde-O cuidadosamente, pois Ele é um presente de Deus.

Então, Maria e o Príncipe foram envolvidos por um grande brilho. Quando ela olhou em Seus olhos, ficou maravilhada com a luz de amor que havia neles. Toda criancinha tem luz em seu rosto, mas essa especialmente trazia a luz de Deus em seus olhos. A música angelical e a Estrela brilhante atraíam muitas pessoas e logo havia visitantes amontoando-se para ver o Príncipe menino. Os pastores aproximavam-se vindos dos campos próximos. Eles haviam visto a Estrela e a seguiram e ela os guiou até onde estava o menino, na manjedoura.

Agora, queridas crianças, essa é a história do pequeno Príncipe da Paz, o Portador de Luz para as crianças da Terra, cujo nascimento nós celebramos no dia de Natal. A Estrela que pairou sobre o lugar onde ficou o Príncipe brilha ainda hoje, tão intensamente, como brilhou antes, iluminando cada criancinha no seu caminho através da ponte do amor, do reino da Terra ao Reino da Felicidade.

Sigamos a Estrela e mantenhamos nossa luz do amor brilhando intensamente para iluminar os outros no caminho da felicidade e da alegria.



OH! MINHA BARRIGA

Marjorie Brinkly

Uma peça para crianças que relata a importância de comer adequadamente

CENA I

OS PERSONAGENS

(Na ordem em que aparecem)

Tommy das Dores, um menino de mais ou menos 10 anos.

Pesadelo, um menino vestido de preto com fitas vermelhas.

Sadie Pickles, uma garotinha magrinha vestida de verde.

Soggy Pão branco, um garotinho em capa cinza.

Fatty Bolo, um garoto gordo.

Katie Doce, uma garota gorda.

Senhora Carne Vermelha, uma menina grande, com um ar determinado.

Sonho Bom, uma garotinha vestida como uma fada, de branco, com asas prateadas.

Pão Preto, um garotinho vestido de marrom e dourado.

Pattie Manteiga, uma garotinha em amarelo e dourado.

Molly Leite, uma garotinha vestida de branco com um chapéu alto.

Sonnie Mel, um garotinho vestido de âmbar.

Goldie Laranja, uma garotinha vestida de cor laranja.

Reggie Vegetal, um garotinho vestido de verde.

O Cenário, uma sala com sofá e outras mobílias comuns.

Tommy das Dores está dormindo no sofá, mas está rolando agitado e finalmente acorda com dores agudas e segura seu estômago, resmungando e chorando.

(Entra Pesadelo que mexe em tudo, está com raiva e fica olhando feio).

Tommy das Dores (entre gemidos)

Quem é você?

Pesadelo (*numa voz profunda, vagarosa e grave*).

Role e agite-se, dê voltas e vire,

Você comeu coisas que devia rejeitar,

E eu estou aqui para vê-lo sofrer

E assim sua má ação, você deve pagar.

(Ameaçando).

Eu tenho muitos amigos que lhe dirão

Por que decidimos todos concordar
Em fazer nosso trabalho em igual participação,
Para seu sonho em longo pesadelo se tornar.

Tommy das Dores (*ainda gemendo e chorando*).

Vá embora, eu não quero você rondando por aqui!

Pesadelo (*sem dar atenção, acena para seus amigos*).

Venham, amigos!

(Entram Sadie Pickles e Soggy Pão Branco).

Sadie Pickles (*Numa voz estridente*).

Eu ponho seu coração de escabeche,

Cócegas em sua língua vou fazer.

Vou tornar você um velho

Antes mesmo de você crescer.

Eu sou doce e sou amargo,

Bom e mau eu sei ser.

Acho muito tentador

Ver um pequeno rapaz sofrer.

Tommy das Dores (Numa voz dolorosa).

Nunca mais comerei você.

(Vira-se e tenta ficar confortável).

Soggy Pão Branco *(Numa voz grossa)*.

Pão Branco, pão branco encharcado,

Faz sua barriga um chumbo parecer,

Torna você sonolento e cansado,

Causa-lhe dores para que possa sofrer.

Tommy das Dores (Do pão branco encharcado).

Dores (Gritando e soluçando).

Oh, deixe-me sozinho!

(Continua a rolar e a agitar-se, segurando seu estômago).

(Entra Fatty Bolo, devagar e preguiçosamente).

Fatty Bolo.

Bolos, doces e pastéis folhados eu sou!

Certamente um preguiçoso eu sou;

Minhas roupas são gordurosas, confusas e vão enrugar

Deveria me preocupar, reagir e chorar,

Mas, muito, muito preguiçoso eu sou!

Tommy das Dores (*Desesperadamente*).

Gostaria que todos vocês, seres horríveis, fossem embora e nunca mais aparecessem. Acho que vocês são todos muito maus. Saiam! (*Lembrando-se*).
Conheci uma doce garotinha chamada Katie que me ajudaria se estivesse aqui.

(*Entra Katie Doce, toda sorrisos e fingindo ternura*).

Katie Doce

Quando você come só um pouco de mim,

Eu sou doce e faço tudo gentilmente,

Mas, se você me come muito,

Sou terrível, certamente.

Depende muito do modo e da hora em que você vai me comer.

Saboroso ao entrar e indigesto depois

É o que sou entre suas refeições,

Se você me quiser, sem mal algum lhe fazer,

Somente à sobremesa, você me deve comer.

Tommy das Dores

E pensei que você fosse uma boa amiga. Onde está a Senhora Carne Vermelha? Ela é nutritiva.

(Entra a Senhora Carne Vermelha *com um olhar determinado*).

Senhora Carne Vermelha

Vou lhe dizer algo e o digo rapidamente,

Você não pode caçar dores e sofrimentos com um pau;

Não é bom enquanto eu for sua comida,

Pois eu sou uma das coisas que o torna doente e mau.

(*Cantando*).

Oh. Eu sou a Senhora Carne Vermelha,

Pernil de vitela e pés de porco temperado,

Linguiça, fígado e leitão assado,

Carne espetada e cozido de porco,

Presunto frito e bife grelhado,

Eu sempre prometo não fazer mal,

Mas sempre os desaponto no final.

Eu rio, minto e gosto de enganar.

He, he! Ho, ho! Eu sou a Senhora Carne Vermelha de amargar.

(Tommy das Dores, *mandando-os todos embora, deita-se no sofá e após muito rolar, adormece*).

CENA II

Entra Sonho Bom, *dançando ao seu redor, suave e muito graciosamente e em seguida o acorda*).

Sonho Bom.

Eu sou a fada do comer bem;

Veja, minhas asas são leves e delicadas,

Leves e delicadas minhas asas são,

E feliz canta o meu coração.

Se você não gosta de pesadelos,

Ou de dores que farão você gemer,

Melhor ouvir estes meus apelos,

E assim mais feliz você vai ser.

(Acena para seus amigos saudáveis).

(Entram Pão Preto e Pattie Manteiga, que rapidamente começam a endireitar seu travesseiro e alisar sua cabeça).

Pão Preto.

Meu nome é pequeno Pão Preto

Se você me ingerir, em vez de comer

Todos os meus inimigos que você acabou de ver,

Mais forte eu o farei.

Um segredo agora contarei:

Sou muito necessário para suprir

A sua vida, e como não sei mentir,

Digo-lhe que sou indispensável

Para você melhor o seu caminho seguir.

Tommy das Dores. (*Sentando-se com um largo sorriso*).

Oh, gosto de vocês. Quem é essa garotinha?

Pattie Manteiga.

Pão Preto é o meu melhor amigo,

E quando você o convocar

Toda alegre eu também vou chegar,

Pois sou Pattie Manteiga e ele conta comigo.

Pode me comer em abundância,

Pois eu a saída também vou preparar

E nenhum dos que agiram com discrepância

Ao meu lado tentarão ficar.

Tommy das Dores (*Sua dor desapareceu, ele endireita-se e parece feliz*).

Sentem-se, gostaria que ficassem um pouco mais.

(Molly Leite e Sonnie Mel *entram cantando* “Dias Felizes Estão Aqui Novamente”)

Molly Leite.

Dentro de mim escondidas e bem,

Estão substâncias indispensáveis,

Para você ficar forte também,

E todos permanecerem saudáveis.

Você necessita de leite puro assim,

Logo cuide de sua alimentação,

Velhos e moços devem vir a mim,

Se quiserem ficar em boa condição.

Sonnie Mel (Numa voz alta e doce.)

Sou a mais doce pessoa da redondeza,

Alegria e felicidade abundantes, eu as darei,

Se você ao me chamar tiver a certeza,

Que no lugar do danoso açúcar, eu adoçarei.

Eu tenho um primo, Queijo Branco,

E nem pense em desdenhá-lo, não.

Pois, juntos andamos de mãos dadas,

E não há na Terra melhor combinação.

Tommy das Dores:

Peguem uma cadeira e acomodem-se.

Estou feliz porque vieram.

(Entram Goldie Laranja e Reggie Vegetal, de mãos dadas).

Goldie Laranja.

Venho a você, toda brilhante e ensolarada,

Sonhos engraçados e suaves eu lhe proporcionarei.

Da Fada dos Bons Sonhos sou amiga bem chegada,

E seus dias muito felizes eu os tornarei.

Se ficar comigo, não sofrerá decepção

E vai se lembrar de quando lhe fui apresentada.

Sempre fiel a você, eu o serei

E tornarei sua vida uma suave canção.

(Goldie Laranja *vira-se para Reggie Vegetal e o apresenta*).

Este é Reggie Vegetal, o último,

Mas não o de menor importância.

Reggie Vegetal.

Meu outro nome é Sais Minerais,

E aos pesadelos eu ponho um fim,

Ao dia, coma-me sempre três vezes ou mais,

E modificarei todo o seu sistema, sim!

Cenouras, verduras, abobrinhas e tudo o que é verdejante,

Mudam a cor da vida num instante.

São todos meus parentes, você pode ver,

E muito bons para você nós vamos ser.

(Todos ficam de mãos dadas, dançando em volta de Tommy das Dores e todos cantando “Dias Felizes Estão Aqui Novamente”).

